

RITA ALICE DE CARVALHO LOPES

**COMPARTILHAR, CURTIR, INTERAGIR: O *FACEBOOK* COMO
CURRÍCULO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSOR@S**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

L864c
2017
Lopes, Rita Alice de Carvalho, 1991-
Compartilhar, curtir, interagir : o *Facebook* como
currículo na formação continuada de professor@s / Rita
Alice de Carvalho Lopes. - Viçosa, MG, 2017.
xi, 91f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Heloisa Raimunda Herneck.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.

Referências bibliográficas: f.87-91.

1. Professores - Formação. 2. Facebook (Rede
social on-line). 3. Mídia social. 4. Currículos.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.
II. Título.

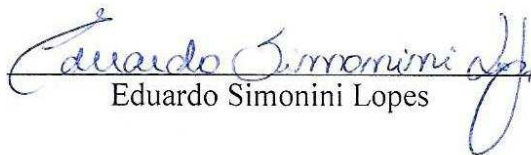
CDD 22 ed. 370.71

RITA ALICE DE CARVALHO LOPES

**COMPARTILHAR, CURTIR, INTERAGIR: O FACEBOOK COMO
CURRÍCULO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSOR@S**

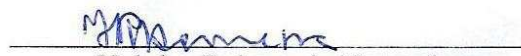
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 23 de outubro de 2017.


Eduardo Simonini Lopes


Henrique Moreira Mazetti


Carlos Eduardo Ferrão


Heloisa Raimunda Herneck
(Orientadora)

Ao meu fio que se perdeu...

Mãe, meu fio condutor de toda a minha trajetória escolar e acadêmica, obrigada pelo tempo que você esteve presente neste mundo carnal. Além de companheira e amiga, você foi uma grande incentivadora dos meus sonhos. Você me ensinou a ter compromisso e ir até o final, mesmo com peso nas costas.

A sua partida me estremeceu, me tirou o chão. Mas a sua lembrança me colocou de volta aos trilhos para terminar esta batalha do mestrado que sempre sonhei.

Obrigada pela luz que tem enviado e me feito uma nova pessoa a cada dia.

Sermos contemporâneos não é uma tarefa isenta de riscos: se estivermos atentos aos sinais do mundo, talvez tenhamos a sorte de eles nos perturbarem a ponto de suscitarem o pensamento; mas isso só ocorrerá se conseguirmos escapar dos perigos que aparecem quando pisamos terrenos tão pantanosos sem evitar a complexidade dos fenômenos nem desprezar suas contradições. O desmoronamento em curso é doloroso e desconcertante, mas, a partir dessa abertura, a visão se expande para outras direções. Em consequência disso, os caminhos podem se multiplicar (SIBIBLIA, Paula, 2012, p. 10).

AGRADECIMENTOS

À minha rede de relações que sempre contribuíram para a minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

Por nunca estar sozinha pelos lugares onde transitei para chegar até aqui, agradeço à Mamãe, ao Papai, ao Dato e à Titita, que nunca me abandonaram e se tornaram base de amor, respeito e honestidade. Ao Miguel e à Olívia, pelo carinho e pela bagunça de ser tia. E à Tia Taninha, por me fazer sentir o que é ser uma sobrinha amada. À Solange e ao Igor, por entrarem na família e fazerem desta uma rede mais feliz. Aos meus avós Maria e Ely, por terem sido a base da Família Carvalho com tronco largo e galhos fortes.

Aos meus professores, por todas as contribuições teóricas, de modo especial à minha orientadora Heloísa Raimunda Herneck, por sempre ter sido amiga e me proporcionado bons encontros durante toda a orientação. Também aos professores Eduardo Simonini Lopes e Henrique Moreira Mazetti, por terem contribuído, de forma significativa e com muita paciência, para que este trabalho desse certo. Ao Carlos Eduardo Ferrazo, por ter contribuído para mais fios que podem se conectar. Ao Jairo Barduni Filho e à Rita de Cássia de Souza, pela disponibilidade de leitura e pelas sugestões.

À minha segunda casa, a Escola Estadual Caetano Marinho, pelo acolhimento e pela aprendizagem. Principalmente, àquelas pessoas que torceram, se doaram e participaram de todas as minhas paixões alegres e tristes do mestrado. Obrigada, Zeli, Polly, Gise, Wagner, Moniki e aos demais.

À equipe da SEMED 2012-2016 e a à equipe da Escola Municipal Santo Antônio, por terem sido as redes principais para esta pesquisa.

À turma do Mestrado, pelo companheirismo e pelos desabafos *online* e *offline*. Principalmente, às minhas amigas Júlia, Thaís, Vivi, Sabrina, Patty, Andrea, por terem me proporcionado inúmeros momentos de risadas, que me ajudaram a fugir um pouco dos compromissos diários. À Wanessa, por ter sido a minha âncora para entender o Comitê de Ética.

Às minhas amigas da PED-09, por, mesmo depois de formadas, terem permanecido em meus pensamentos e orações diárias.

À “Caravana da Alegria”, por ter me alegrado nos últimos anos, mostrando-me que viver não cabe no Lattes.

A Laís, Rin, Pelota e Belinha, por tanto amor a mim demonstrado e pelo laço forte de amizade.

À Rayane, por ser meu anjo da guarda.

À Thainara, por me ensinar a ter fé infinita.

À Cintia e à Débora, por me mostrarem que amizade dura independente dos encontros.

À Amanda, por me mostrar como é ter garra e nunca desistir.

Aos meus amigos, de perto ou de longe, novos ou velhos, imensamente pela torcida e pelo apoio. Amigos são presentes do universo mais lindo que pode existir. Sou grata por ter amigos verdadeiros que participaram de toda a minha trajetória.

A todos que passaram por meu caminho intenso e se mostraram tão companheiros – O meu muito obrigada.

E ao meu Deus maior, o meu protetor, que desde o início me guardou e nunca me fez desistir, pelo dom da vida. Ao universo, santos, anjos e aos bons espíritos, por me mostrarem que tudo tem o seu tempo e que se algo aconteceu é porque estava em meus planos. Obrigada.

SUMÁRIO

	Página
LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	1
Por onde começar: minhas vivências conectadas em rede	1
A retrospectiva da trama: processos que decidem caminhos	2
CAPÍTULO 1	7
Caminhos da pesquisa: um percurso metodológico	7
Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo	14
CAPÍTULO 2	17
Compreendendo as noções de currículo	17
2.1. Currículo nas tramas dos Cotidianos	23
2.2. Currículo e formação de professor@s nos cotidianos	26
Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo	29
CAPÍTULO 3	32
As outras Redes que formam currículo: a internet entrando em jogo	32
3.1. O <i>Facebook</i> e a sua inserção nos espaços sociais	38
Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo	41

	Página
CAPÍTULO 4	42
A Secretaria Municipal de Educação e suas redes de formação	42
4.1. O Jornal e o caderno de práticas exitosas	42
4.2. O “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”	46
Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo	55
Diário de bordo – A multiplicação das redes	55
CAPÍTULO 5	58
Pela rede se fazem outras redes: O <i>Facebook</i> da Escola Municipal Santo Antônio.....	58
5.1. Escola Municipal Santo Antônio: narrando meus encontros e os fios se conectando	61
Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo	72
CAPÍTULO 6	74
As observações e <i>prints</i> contados através de narrativas que conectam os fios.	74
COMPARTILHANDO CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PESQUISA.....	84
REFERÊNCIAS	87

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CBC – Currículo Básico Comum

CERN – *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*

EMSA – Escola Municipal Santo Antônio

NSF – *National Science Foundation*

NSFNET – *National Science Foudation Network*

PIBEX – Programa Institucional de Bolsa de Extensão

PN – Ponte Nova

PPP – Projeto Político-Pedagógico

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

UFV – Universidade Federal de Viçosa

WWW – *Word Wide Web*

RESUMO

LOPES, Rita Alice de Carvalho, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2017. **Compartilhar, curtir, interagir: o *facebook* como currículo na formação continuada de professor@s.** Orientadora: Heloisa Raimunda Herneck.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de metrado em Educação que objetivou compreender os usos que @s Professor@s fazem das suas redes sociais virtuais, mais especificamente o *Facebook*. Para o estudo das redes virtuais iniciamos seguindo um grupo do *Facebook* “Educação Municipal em Rede-PN”, criado pela Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova/MG. Este tinha como objetivo disseminar informações e criar interações entre os servidores da Educação do município. A partir do conhecimento deste grupo, algumas questões passaram a nortear esta pesquisa: Como essas postagens chegam ao *Facebook*? As escolas/professores/diretores, alunos/pais têm acesso livre? Serão @s professor@s consumidores destas redes? Ou serão el@s os usuários? O que seus usuári@s fabricam quando usam essa rede virtual? Qual o uso que a rede municipal de Ponte Nova faz dessa rede virtual? Servirá ela como uma invenção curricular? Ou um meio de divulgação do trabalho das escolas? Para realizar a investigação solicitei a minha participação no grupo e comecei a segui-lo. Posteriormente, fiz *prints* de postagens dos seus usuári@s, realizei entrevistas com a Secretária Municipal de Educação, analisei documentos existentes na secretaria e citados na entrevista, como o “caderno de práticas exitosas” e o “jornalzinho SEMED informa-informação com educação”.

Posteriormente, comecei a seguir uma das escolas, sendo escolhida a que mais fazia postagens no facebook, por meio de sua rede virtual. Nesta, realizei observações e também fiz entrevistas com professoras. Utilizei de narrativas para a produção e apresentação dos dados. Toda trama desta pesquisa foi inspirada nos modos de fazer pesquisa cartográfica (DELEUZE e GUATTARI), Passando por estudos sobre Currículo (SILVA, LOPES, MACEDO, PARAÍSO); Currículo no cotidiano (CERTEAU, ALVES, FERRAÇO, OLIVEIRA); Currículo e formação de professor@s nos cotidianos (FERRAÇO, GOMES, SOUZA); Internet, Cibercultura, Ciberespaço, Redes Sociais Virtuais (LEMOS, CASTELLS, LÉVY); Disciplinas para as “boas práticas” (FOUCAULT). Os resultados indicam que as postagens das atividades passam por um crivo antes de chegar ao *Facebook*. As professoras atendiam os olhares de vigilância que coordenavam os movimentos da escola pesquisada, para que somente as atividades consideradas pela Secretária de Educação como “boas práticas” fossem compartilhadas em rede. O *Facebook*, portanto, servia mais como lugar para exposição do belo realizado pelas escolas, espaço de divulgação do trabalho da rede municipal de Educação da cidade e de propaganda das escolas. Também percebi que, além de entretenimento, interação e informação, as professoras o usavam, cada uma à sua maneira, como local de formação continuada por meio de troca de experiências em boas práticas, busca de sugestões de atividades para o ensino. Assim sendo, arrisco afirmar que há um processo de escolha do que deve ou não ser postado no *Facebook* criado para divulgar o trabalho das escolas da rede municipal de Ponte Nova, bem como da Escola Municipal Santo Antônio. Que o acesso d@s professor@s e diretor@es não é livre, uma vez que tem que passar pelo crivo da Secretária para publicar, e os pais são somente consumidores. Quanto aos processos de fabricação e invenção curricular acredito ficar a desejar uma vez que seu uso é mais para exibição, curtidas e elogios, do que para criação.

ABSTRACT

LOPES, Rita Alice de Carvalho, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, October, 2017. **Share, enjoy, interact: facebook as a curriculum in the continuing education of teachers.** Adviser: Heloisa Raimunda Herneck.

This paper presents the results of a survey of education that aimed to understand the uses that teachers make of their virtual social networks, specifically *Facebook*. For the study of virtual networks we started following a *Facebook* group "Municipal Education Network-PN", created by the Municipal Department of Education of Ponte Nova/MG. It was intended to disseminate information and create interactions among the municipality's Education servers. From the knowledge of this group, some questions came to guide this research: How do these posts come to *Facebook*? Do schools / teachers / principals, students / parents have free access? Will teachers be the consumers of these networks? Or will they be users? What do the users do when they use this virtual network? What use does the municipal network of Ponte Nova make of this virtual network? Will it serve as a curricular invention or as a means of disclosure the work of schools? In order to carry out the research I requested my participation in the group and I began to follow it. Later, I made prints of his users' posts, I conducted interviews with the Municipal Secretary of Education, I analyzed documents in the secretariat that were cited in the interview, such as the "notebook of successful practices" and the "SEMED newspaper inform information with education". Later, I started to follow one of the schools, the one that made more posts on *Facebook*, through its virtual network. In this, I made observations and also did interviews with teachers. I used narratives for the production and presentation of

data. Every plot of this research was inspired by the ways of doing cartographic research (DELEUZE and GUATTARI), going through studies on Curriculum (SILVA, LOPES, MACEDO, PARADISE); Curriculum in everyday life (CERTEAU, ALVES, FERRAÇO, OLIVEIRA); Curriculum and teacher training in daily life (FERRAÇO, GOMES, SOUZA); Internet, Cyberculture, Cyberspace, Virtual Social Networks (LEMOS, CASTELLS, LÉVY); Disciplines for "good practices" (FOUCAULT). The results show that activity posts are scanned before coming to *Facebook*. The teachers attended the watchful looks that coordinated the movements of the researched school, so that only the activities considered as "good practices" by the secretary of education were shared at the network. *Facebook*, therefore, were used as a place for exposition of the beauty carried out by the schools, as a space of dissemination of the work of the municipal network of Education of the city and as a propaganda of the schools. I also realized that, in addition to entertainment, interaction and information, the teachers used it, each one in their own way, as a place of continuous formation through exchange of experiences in good practices, search for suggestions of activities for teaching. So, I risk saying that exist a process of choosing what should be posted on *Facebook* page, created to publicize the work of schools in the municipal network of Ponte Nova, such as the Santo Antonio Municipal School. That access to teachers and principal is not free, since it has to pass through the Secretary's screening to publish anything, and parents are only consumers. About the manufacturing processes and curricular invention, I believe they are not efficient since it is mostly used for exhibition, likes and compliments than real creation.

INTRODUÇÃO

– Por onde começar: minhas vivências conectadas em rede

Quando examinarmos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, descobriremos sempre que não podemos separar nossas histórias das ações – biológicas e sociais – a partir das quais ele aparece para nós.

(Humberto Maturana, 2001).

Por estar envolvida em relações escolares cotidianas e por ser tocada por toda a movimentação que as tecnologias têm causado na sociedade contemporânea, sinto minhas vivências sociais se conectarem com meus estudos, fazendo de mim pesquisadora de minha experiência¹. Percebo-me professora e pesquisadora e que o meu *espaçotempo*² se mistura, se enrola e se conecta, não permitindo separação. Tenho sempre a sensação de estar em vários lugares ao mesmo tempo: na escola, em casa, na rua, conectada em rede, *on-line* ou *off-line*.

Imbricada que sou nos movimentos tecnológicos da atualidade e curiosa para saber mais sobre as redes que se tecem por meios deles, optei por pesquisar as relações entre os sujeitos escolares e suas redes sociais virtuais, para compreender

¹ A experiência para Jorge Larrosa Bondía (2002) é como algo que amplifica o nosso próprio saber. De acordo com ele, a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

²Essa forma de escrita é baseada em autores da linha de pesquisa do Cotidiano, como Nilda Alves. Esta autora afirma ser necessário esse modo de escrever para buscar superar a dicotomização herdada do período no qual se “construiu” a ciência moderna (ALVES, 2003, p. 66). Neste texto, o termo unido “espaçotempo” é utilizado para mostrar que, independente da ordem, o espaço e o tempo são e acontecem juntos.

quais são os usos que fazemos dessas redes enquanto docentes no *dentrofora*³ do ambiente escolar.

Segundo Certeau, os elementos realizar-se, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional e situar-se no tempo fazem do uso “um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do ‘contexto’, do qual abstratamente se distingue” (CERTEAU, 2008, p. 96).

Relacionando a ideia de “usos” de Michel de Certeau com minhas práticas cotidianas nas redes virtuais, vejo que fabrico “formas alternativas de uso”, tornando-me criadora e manipuladora dos meus modos, produtos e regras, “mesmo que de modo invisível e marginal” (ALVES; OLIVEIRA, 1998, s/p).

Esses usos das minhas redes virtuais começaram a fazer sentido a partir do caminho que percorri e das redes que teci durante a graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Foram esses usos que me levaram a ter maior apreço pelo meu tema pesquisado e pelos caminhos metodológicos que trilho, tornando-me, assim, pesquisadora participante e seguidora das redes dos movimentos que acontecem durante a pesquisa.

Apresento nos tópicos subsequentes as minhas tramas e posteriormente os caminhos que percorri durante a pesquisa.

– A retrospectiva da trama: processos que decidem caminhos

Ter sido estudante de Pedagogia na UFRV, no período de 2009 a 2013, me possibilitou contato maior com as redes sociais virtuais. Além de utilizar essas ferramentas para me relacionar com os colegas de turma e @s professor@s⁴, elas começaram a servir como *networking*⁵, troca de conhecimento e de assuntos pertinentes à graduação. As aulas que tínhamos durante a semana se prolongavam no *Facebook*⁶. Mesmo fazendo trabalhos em grupo com encontros em locais físicos, essa rede servia para discutirmos assuntos pendentes e adiantarmos os

³ Assim como na nota de rodapé anterior, o *dentrofora* é uma forma de escrita baseada nas pesquisas do Cotidiano. Segundo Alves (2010), *dentrofora* é “quando há inexistência de muros entre o que acontece no interior e no exterior das escolas” (ALVES, 2010).

⁴ No decorrer da dissertação é possível ver que utilizo o símbolo @ (arroba) para fazer uma linguagem inclusiva quando não há gênero definido, podendo assim falar de professores(as), alunos(as) diretores(es). Quando falo especificadamente das professoras participantes e de mim, uso o gênero feminino.

⁵ *Networking* é uma expressão americana que representa uma rede de contatos para relacionamentos pessoais, comerciais e profissionais.

⁶ Rede social virtual disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Esta rede virtual é descrita posteriormente

estudos. Além disso, o nosso “grupo secreto” nessa rede virtual é até hoje um ponto de encontro em que damos continuidade aos contatos, conversa sobre trabalhos etc.

Ainda escrevendo sobre redes, só que desta vez sobre as minhas redes de relações, foi possível compreender como elas me possibilitaram vários encontros positivos durante a graduação. A minha relação com alguns(mas) professore(@)s do Departamento de Educação da UFV me levou a ser bolsista de um projeto de extensão, aprovado pelo Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) sobre tecnologias no cotidiano escolar. Com a participação nesse projeto, pude notar que as redes sociais podem ser aproveitadas na escola como ponto de conexão entre a vida da escola e a vida d@s professor@s e dos estudantes. Por meio de seu uso, é possível encontrar pistas e despertar interesses que podem influenciar a relação dos sujeitos escolares e suas aprendizagens.

Ao final do projeto, realizei um trabalho de conclusão de curso que me deixou vários questionamentos, como: se os alunos usam as suas redes virtuais na sala de aula, isso não poderia ser usado a serviço da aprendizagem? Quais currículos são tecidos paralelamente nas escolas? E os professor@s? Eles não usam as redes para fins de ensino-aprendizagem?

Depois de sofrer a temida⁷ mudança, em que deixei de ser estudante para me tornar professora em uma escola estadual de um bairro periférico da cidade de Ponte Nova, MG, comecei a ter contato com colegas de trabalho que me ajudaram não só nos momentos de encontros na escola, mas também nos encontros virtuais (*Facebook* e *Whatsapp*⁸). Meios de comunicação estes usados para trocas de planejamentos, atividades, sugestões e cotidianos dos alunos, entre outros assuntos que permeiam a escola.

Os dois anos que atuei como professora passaram rápido e foram de grande importância para entender e viver as movimentações da escola e de seus sujeitos. Pude conviver com crianças e com as suas famílias, conhecendo diferentes modos de existir. Vivi paixões alegres e paixões tristes⁹ (ROMAGNOLI, 2015). Pude conviver

⁷ Uso o termo temida para adjetivar o que senti ao me formar, voltar para casa e ter que enfrentar, aos 23 anos, uma sala de aula de escola pública com mais de 30 alunos.

⁸ *Whatsapp* é um aplicativo gratuito para a troca de mensagens instantâneas disponível para dispositivos eletrônicos.

⁹ “Os encontros ao acaso são produtores de paixões alegres, que são a transição para o agir, e de paixões tristes, que minam o sujeito, fazendo-o refém da situação de decomposição. Isso significa que são as várias relações que estabelecemos que definem nossa individualidade, já que existimos em nossos encontros e em nossos agenciamentos, que têm relação direta com nossa composição ou decomposição (ROMAGNOLI, 2003 *apud* OLIVEIRA; ROMAGNOLI, 2015, p. 68).

com crianças e com as suas famílias de diferentes realidades. Participei de festas e reuniões com pais ou responsáveis aplicados nos estudos de seus filhos. Também notei a ausência de muitos deles, às vezes por falta de interesse, abandono ou por estarem detidos, entre outros motivos. Tive momentos de raiva e tristeza devido à indisciplina, mas também desfrutei de inúmeros momentos de carinhos por meio de abraços, cartinhas e até mesmo mensagens na minha página particular *Facebook*. Tudo isso me potencializava e me fazia perceber um acontecimento novo todos os dias.

Vivenciei nessas minhas movimentações os encontros com o currículo prescrito no Currículo Básico Comum (CBC), no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola onde trabalho e nos planejamentos anuais e semanais. Passei pela burocracia de preencher o diário, de ter um livro didático “como currículo”. Conheci o currículo enquanto documento oficial e compus outros currículos com os praticantes no cotidiano da escola.

Mesmo tendo “grade curricular” para cumprir, presenciei, e senti, diariamente o cotidiano que era inventado e reinventado por todos que transitavam pelas salas de aula, pelo pátio escolar e também por fora dos muros escolares. Os acontecimentos da vida dos alunos em casa ou no bairro eram assuntos na escola. Uma briga e, ou, um “tiro na praça” ou, mesmo, a “geral nos alunos¹⁰” constituíam tramas que atravessavam o dia todo na escola. Os *smartphones* d@s alunos se conectavam aos d@s professor@s, os quais viam fotos, compartilhavam e comentavam sobre o assunto nos momentos de intervalo.

Percebendo conexões possíveis e o currículo em movimento no cotidiano, ingressei no mestrado, em 2015, com o projeto “Curtir, cutucar, compartilhar: os efeitos das redes sociais na construção dos saberes e práticas dos professores”. O projeto tinha como objetivo inicial pesquisar práticas cotidianas de professor@s e alunos em torno de suas redes sociais virtuais e como estas podem influenciar as trocas de saberes deles, *dentrofora* do ambiente escolar.

Para ter condições de realizar o mestrado e cursar as disciplinas que eram durante o dia, afastei-me da sala de aula e comecei a atuar como bibliotecária da escola nos turnos matutino e noturno. Dessa forma, pude ter contato com vári@s

¹⁰ Por ser um bairro periférico da cidade, é um local onde acontecem brigas entre traficantes de diferentes bairros. A polícia sempre fica rondando para abordar até mesmo os menores de idade e garantir a segurança dos moradores. Tanto o tiro e a “geral” na praça foram momentos os quais pude presenciar e presencio até hoje.

alun@s e professor@s, aumentando ainda mais a minha rede de relações. Realizar um trabalho na escola, não estando dentro da sala de aula, possibilitou que eu conhecesse os outros espaços escolares e tivesse mais compreensão dos seus atravessamentos cotidianos.

Foi nesse tempo que minhas questões de pesquisa começaram a mudar ao mesmo tempo que conhecia o grupo “Educação Municipal em Rede – Ponte Nova” do *Facebook*, criado pela Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova (SEMED) que continha postagens de atividades realizadas por professor@s e pela Direção das escolas da rede pública municipal. Essas redes virtuais aguçaram a minha curiosidade e me fizeram levantar questões: Como essas postagens chegam ao *Facebook*? Quais são os usos que os professor@s fazem dessa rede? Qual o uso que a rede municipal de Ponte Nova faz dessa rede virtual? Servirá ela como uma invenção curricular ou um meio de divulgação do trabalho das escolas? O que acontece entre o trabalho na escola e a sua postagem no *Face*? Por fim: “As professoras veem o *Facebook* como um meio de formação continuada?”.

Como usuária do *Facebook*, bem sei que ao colocar, curtir, ou compartilhar algo tomo cuidado, pois esses usos dizem de mim, ou da impressão que quero passar da pessoa que sou: descolada, crítica, atualizada, amiga, bela etc. Da mesma forma, uma página criada como sugestão da Secretaria Municipal de Educação poderá também trazer essas preocupações para com seus consumidores que têm um perfil no *Facebook*, uma vez que eles também poderão usar a rede virtual para usos pessoais, de entretenimento etc. É por isso que nesta pesquisa eu mostro o meu seguir do grupo “Educação Municipal em Rede – PN”, que tinha o objetivo de acompanhar ou observar quais são os usos que seus sujeitos, funcionários da rede municipal, fazem do seu *Facebook*.

E foram com essas questões iniciais que fui remendando o projeto de pesquisa inicial até chegar a esta dissertação. Assim, no primeiro capítulo, intitulado “Caminhos da pesquisa: um percurso metodológico”, faço uma breve apresentação da trajetória que fiz, conhecendo todos os caminhos que me levaram a acompanhar o cotidiano no *dentrofora* das redes sociais virtuais dos sujeitos que apareceram durante a pesquisa.

A seguir apresento as noções de currículo e as outras redes que o formam, tendo como base os estudos realizados por Tomaz Tadeu da Silva, Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo, Marlucy Paraíso etc. Nesta parte, também apresento

referenciais sobre currículo no cotidiano e escolar, tendo como base os estudos realizados por Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferrazo, Inês Barbosa de Oliveira e outros.

No terceiro capítulo, faço uma discussão sobre “As outras redes que formam o currículo: a internet entrando em jogo”, na qual exponho a minha compreensão dos estudos sobre redes virtuais, “Cibercultura”, “Ciberespaço”, e outros conceitos discutidos por André Lemos, Gislane Rangel Evangelista, Manuel Castells, Pierre Lévy, entre outros que me ajudaram a compreender a história da Internet na sociedade atual. E apresento conhecimentos produzidos a partir do *Facebook*, para fazer conexões.

No quarto capítulo descrevo a Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova e suas redes de formação. Na sequência, no Capítulo 5 sigo as tramas do *Facebook* da Escola Municipal Santo Antônio.

Chegando ao final desta dissertação, faço o uso de *prints*, observações e entrevistas que narram como as professoras utilizam suas redes sociais virtuais. Todo esse seguir das tramas da pesquisa foram caminhos metodológicos importantes para a construção deste texto, que termina o seu fio para quem sabe tecer outros novos.

Em muitos momentos da escrita, tive que fazer pausas para respirar e escrever um pouco de mim, do que estava sentindo em relação ao que estava fazendo, organizar as ideias. Essas pausas foram colocadas no texto antecedendo cada capítulo, a partir do segundo. Foram essas pausas que me ajudaram a me ver também como uma participante pesquisadora.

CAPÍTULO I

– Caminhos da pesquisa: um percurso metodológico

Um grilo é mais importante que um navio. (Isso do ponto de vista dos grilos)

Manoel de Barros.

Com o poeta Manoel de Barros, que vem me marcando muito desde que “o conheci” e comecei a me referenciar pelos estudos com os cotidianos, descobri que “quem não tem ferramenta de pensar, inventa” (BARROS, 2009). E suas invenções, tanto recitadas em suas poesias, me remetem às pesquisas com os cotidianos, que ele insistiu em mostrar a importância de mergulhar no dia a dia inventado por nós mesmos. E é nessa perspectiva que esta pesquisa se desenvolveu, entendendo que:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]è um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...” (CERTEAU, 1996, p. 31).

E foi por esse cotidiano que me atravesso a cada manhã e a cada conexão feita em minhas redes sociais virtuais, que fiz da Internet um dos meus locais de estudo. Antes de me apoiar em diversos textos que se completavam para o

entendimento do campo de pesquisa na Internet, nunca havia pensado quão grandes eram as possibilidades de pesquisar sem estar frente a frente o tempo todo com os sujeitos.

Hoje, a Internet é reconhecida como objeto que está cada dia mais sendo estudado por diversas áreas. “Ela está se movendo para o palco central na maioria das disciplinas” (BAYM, 2005, p. 4 *apud* FRAGOSO et al., 2011). Dessa forma, a Internet é considerada um campo de pesquisa por dois motivos:

A auto identificação dos pesquisadores, que se intitulam pesquisadores em internet e utilizam em suas pesquisas o termo campo; e a abrangência local permitida pelo objeto, uma vez que nações e continentes se engajam em práticas, usos e apropriações distintas, como demonstram as pesquisas conduzidas em locais como China, Índia, América Latina, Oceania, entre outros (FRAGOSO et al., 2011, p. 30).

De acordo com Boyd (2009, p. 7 *apud* FRAGOSO et al., 2011), as tecnologias mais recentes, como as redes sociais usadas nesta pesquisa, tiram da Internet a dinâmica de uma pesquisa de noção egocêntrica e fechada em seus indivíduos que “elaboram seu mundo social através dos *links* e da atenção” (FRAGOSO et al., 2011, p. 42). Com os *blogs* e os *sites* de redes sociais, os sujeitos são observados por meio de suas conexões na vida cotidiana, pois todos os aspectos da tecnologia que atravessam a vida cotidiana dos sujeitos tornam a Internet um **artefato cultural**. “A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto Internet não é único, mas, sim, multifacetado e passível de apropriações” (FRAGOSO et al., 2011, p. 42).

E foi por meio das conexões que tive no *dentrofora* das culturas da Internet e nas redes sociais virtuais que comecei a pensar nos usos que professor@s podem fazer do *Facebook* enquanto profissionais e praticantes que buscam se entreter e conhecer novas pessoas no momento em que criam suas contas no *site*.

De acordo com Evangelista (2016, p. 14), “diante de um cenário de relacionamento ciberespacial¹¹, as redes sociais digitais surgem como potente espaço para a interação”. E é por meio dessa interação que os sujeitos conectados em rede fazem seus usos para divulgar a sua própria imagem no *Facebook*; conectar-se com

¹¹ Conceito ligado ao ciberespaço que será discutido posteriormente.

pessoas de seu interesse; comentar e curtir fotos, vídeos e páginas; e fazer publicações em sua *Timeline*¹².

Dessa forma, o *Facebook*, tido como ciberespaço, proporciona não só o encontro entre seus participantes, mas também pode se tornar um local de conhecimentos e trocas de diferentes culturas da sociedade que está imersa no mundo tecnológico. Quando ocorre essa produção de cultura na Internet, podemos falar que Cíbercultura¹³ acontece no espaço das redes sociais virtuais.

Enquanto vivia esse ciberespaço pensando nos encontros possibilitados por ele, acabei conhecendo o grupo virtual “Educação Municipal em Rede – Ponte Nova”, que me ajudou a compor outras possibilidades para a pesquisa. Este grupo me foi apresentado por uma colega de serviço na escola estadual onde trabalho. Essa colega também é funcionária de uma escola municipal da cidade de Ponte Nova e, sabendo que meu objeto de estudo é rede social virtual (*Facebook*), comentou sobre o grupo criado.

Como usuária frequente das redes virtuais, fui logo conhecer a página. Segundo a sua descrição inicial, o grupo foi criado pela Secretaria Municipal de Ponte Nova (SEMED) com o objetivo de “disseminar as informações e criar interações” entre os servidores da educação do município. O objetivo em si chamou minha atenção, pois poderia se constituir enquanto ferramenta de Formação continuada de professor@s? E foi essa pergunta que me fez redirecionar meu projeto no sentido de, como num movimento cartográfico¹⁴, entrar nesta rede e seguir seus fluxos.

Comecei, então, um movimento no sentido de me inserir como membro do grupo e, após várias tentativas, consegui a aceitação. Descobri que o grupo, além de ter divers@s funcionári@s da rede, possuía os perfis das escolas, perfis estes criados para divulgar atividades cotidianas feitas entre professor@s, alun@s e gestão escolar. Esse era administrado por pessoas ligadas à Secretária de Educação e pelo prefeito da gestão 2013-2016. Como participante do “Educação Municipal em Rede – PN”, eu poderia segui-lo e curti-lo, mas não postar sem o consentimento de seus

¹² *Timeline* em português significa “linha do tempo”. Este termo é bastante conhecido entre os usuários das redes sociais na Internet, como o *Facebook*. Trata-se da ordem das publicações feitas nas plataformas sociais *on-line*, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos. Significado disponível em: <<https://www.significados.com.br/timeline>>.

¹³ Este conceito será descrito e trabalhado posteriormente.

¹⁴ Trazer aqui o que é um movimento cartográfico.

administradores. Essa prática se constituiu numa boa pista a ser seguida sobre a relação d@s professor@s com o grupo.

A análise de conversação e observações de imagens constitui o meio mais usado neste momento da pesquisa. Afinal, foi preciso conhecer o terreno para compreendê-lo, pois, como nos apontam Fragoso et al. (2011, p. 67), em uma pesquisa qualitativa este é um procedimento necessário na busca da “compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo. Para tanto, contextualizam estes e reconhecem seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social” (FRAGOSO et al., 2011, p. 67).

Nesse sentido, a pesquisa dos estudos nos/dos/com os cotidianos, pensada no *dentrofora* da Internet, não fora importante definir o número de sujeitos participantes da pesquisa de antemão. Importante, sim, foram os encontros que aconteciam nas redes virtuais dos praticantes em seus cotidianos e como eles se afetavam e se conduziam no caminhar da investigação.

Segundo Fragoso et al. (2011, p. 115), quando focamos em determinado grupo numa rede virtual, estamos analisando a sua estrutura. “De um lado estão os nós (ou nodos); de outro, as arestas ou conexões. Nessa concepção, os sujeitos da pesquisa que se representam nas redes virtuais são os nós, e as conexões são os aspectos mais plurais que acontecem nessas redes.” O exemplo dessas conexões são as estratégias¹⁵ que os sujeitos fazem quando se associam e se filiam ao *Facebook*, cumprindo as regras impostas pelo site e as táticas¹⁶ que eles praticam para se manterem interagidos em rede com seus contados.

No caso do grupo “Educação Municipal em Rede – Ponte Nova”, a sua criação pela SEMED e as suas normas quanto ao uso pel@s professor@s são possíveis associarmos ao que Certeau (1994) chama de estratégia. Neste grupo, @s usuári@s do *Facebook* encontram com normas a serem seguidas, como mandar as suas publicações para @ mediador do grupo para que sejam analisadas e aprovadas para serem postadas. Só pode participar funcionário da rede municipal etc. Essas

¹⁵ Cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento que um sujeito de querer e poder (uma empresa, em exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (CERTEAU, 1994, p. 99).

¹⁶ [...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha (CERTEAU, 1994, p. 100).

normas podem, algumas vezes, não ser seguidas por todos @s sujeit@s, já que estes são capazes de “jogar” com os acontecimentos para os transformarem em ocasiões (CERTEAU, 1994, p. 47).

Para conseguir entrar nesse grupo, tive que criar táticas que me levaram aos encontros presenciais com @s administrador@s para mostrar quais eram as minhas intenções com o “Educação Municipal em Rede – PN”. Para isso, utilizei dos contatos virtuais, por meio do *Messenger*¹⁷ do *Facebook*, para marcar uma entrevista com a Secretária de Educação, Júlia¹⁸.

Julia, de 48 anos, fez o curso normal de formação superior, ministrado na modalidade de educação a distância pelo Projeto Veredas¹⁹, no Campus da Universidade Federal de Viçosa. Além de atuar como secretária de Educação por quatro anos (2013-2016), Júlia já trabalhou como professora das séries iniciais e foi diretor@ de uma escola pública municipal.

A entrevista feita com a secretária foi um recurso utilizado para chegar aos outros praticantes e compreender sobre o processo de seleção e postagens dos trabalhos realizados pelas escolas. A entrevista foi realizada com um roteiro aberto, o que me permitiu puxar conversas para além do planejado e entender as dinâmicas implícitas no uso do *Facebook* enquanto grupo.

De acordo com Duarte (2004), as entrevistas são fundamentais quando se deseja mapear práticas mais ou menos delimitadas. Assim, foi possível escutar, repensar, transcrever, ler e pensar de novo nos próximos passos da pesquisa. A conversa foi gravada com o consentimento da participante.

Nesse ínterim, por ser um grupo administrado também pelo prefeito da cidade e por entrar o período eleitoral, ele teve que ser paralisado pelo risco de ser acusado de seu uso estar a serviço da reeleição do então candidato. Fato que não pode passar despercebido, uma vez que o seu uso poderia, sim, estar ligado a uma campanha permanente do trabalho realizado com as escolas naquela gestão.

¹⁷ Aplicativo do *Facebook* de conversas instantâneas.

¹⁸ Nome fictício da Secretária Municipal de Educação. Assim como o dela, todos os nomes utilizados nesta dissertação são fictícios, para preservar o anonimato dos participantes.

¹⁹ Este projeto teve início no ano 2002, sob a coordenação da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Reuniu 18 instituições públicas e privadas de ensino superior daquele Estado. Com uma única entrada de estudantes, o projeto foi capaz de fornecer formação inicial em Normal Superior acerca de 14.000 professores em exercício da rede pública dos anos iniciais do ensino fundamental (COSTA, Celso José, 2007, p. 5).

Nesse sentido, fiz vários *Print Screen*²⁰ das postagens para posterior produção de dados para esta pesquisa, nos momentos de escrever esta dissertação. Entretanto, na entrevista com a Júlia, ela me informou o perfil no *Facebook* de algumas escolas que mais contribuía com as postagens no grupo, dentre elas estava a Escola Municipal Santo Antônio, a qual me chamou a atenção, já que era a que mais aparecia nos *prints* que eu havia feito. Desta forma, comecei a segui-la.

Na decisão por seguir a rede da escola, pensei que, se por um lado, a SEMED vigia, controla o que professor@s postam no *Facebook* da Secretaria; por outro, não pode controlar o que postam em suas próprias redes e nas redes criadas pela escola. Vi, porém, que neste perfil, próprio da escola, os professor@s mandavam as suas atividades e fotos para revisão da diretora, para que assim fossem postadas, ou seja, repetia a mesma dinâmica do *Facebook* da Rede Municipal de Ponte Nova para as postagens da escola.

Fiz contato com a diretora e três professoras citadas por ela posteriormente e comecei a acompanhá-las no *dentrofora* do *Facebook*. Esse acompanhamento foi fundamental para compreender quais os usos que faziam dessa rede social virtual e de suas redes sociais virtuais. Além do acompanhamento das redes, utilizei contatos presenciais e virtuais, por meio de conversas informais e pelo *Whatsapp*, com as participantes da pesquisa. Estes foram necessários para produzir os dados para esta pesquisa.

Foram os laços criados com as conexões informais que tive com essas professoras que fui compreendendo os usos que faziam de suas redes virtuais enquanto docentes. No Capítulo 5, essas conexões são descritas por meio de narrativas que faço sobre os perfis d@s docentes e das entrevistas.

Para compreender narrativas, utilizei o livro “Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão”, de Inês Barbosa de Oliveira em colaboração com outros pesquisadores. Est@s “defendem formas distintas de expressão do conhecimento por acreditarem que é hora de nos perdermos nos labirintos, a fim de voltarmos a conhecer e experimentar o desregramento da vida” (OLIVEIRA, 2010, p. 15). Nas narrativas, os sujeitos participantes e pesquisadores podem escrever e ser descritos em livros, dissertações e teses, sem medo de se colocar. É a própria história que compõe o texto. Sobre as narrativas, Almeida (2003)

²⁰ O *Print Screen* acontece quando uma tecla, em computadores e, ou, celulares, é pressionada e automaticamente uma foto da tela é capturada.

diz que é saudável ir para além das muralhas conceituais, teóricas e metodológicas que interditam nossas formas de ver, além de forma perigosa, provocativa, criativa e incerta. Esta forma de escrever é “devolver a vida à ciência” (ALMEIDA, 2003, p. 35 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 19).

As narrativas, incluindo as que faço do meu cotidiano enquanto pesquisadora, foram **inspiradas**²¹ nos modos de fazer pesquisa *nos/dos/com* os cotidianos e na metodologia da pesquisa cartográfica. Em uma cartografia, precisaremos seguir as redes, independente das suas entradas ou saídas, sendo ela movimentada pelos encontros. Dessa forma, é primordial estarmos abertos à multiplicidade de informações que surgirão no meio do caminho, conforme ilustrado no texto a seguir:

(...) para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de "deixar rolar". A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal, onde há uma concentração sem focalização. O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Nesse movimento de estarmos abertos e seguirmos os encontros que a pesquisa proporciona, o “modelo” cartográfico nos auxilia levando-nos a outras redes e caminhos que se conectaram e desconectaram, criando sempre outras possibilidades de aprendizagem. Assim, esta pesquisa constituiu, como no ato de cartografar, um mapa aberto e inacabado; mas um mapa “[...] conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). O que as definiu foi o seu princípio de conexão. Essa conexão e as flutuações que ocorreram no cotidiano escolar, não escolar e nas redes sociais (*Facebook*) foram as movimentações seguidas para a pesquisa que ora apresentamos.

E para dar mais possibilidade de mergulho nos caminhos metodológicos que percorri, apresento ao longo da dissertação os meus outros espaços e documentos utilizados nesta pesquisa, os quais foram importantes para fundamentar as narrativas que faço durante a escrita. O Currículo Básico Comum da escola estadual onde trabalho apresentado na primeira narrativa “Uma pausa para o respirar: o que

²¹ É preciso focar que meus estudos foram **inspirados** no modo de fazer a pesquisa cartográfica, e não feita a partir da pesquisa cartográfica.

antecede o capítulo”, por exemplo, me ajudou a compreender como prática e teoria se constituem dentro do ambiente escolar.

O encontro com a Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova me levou a conhecer o jornalzinho “SEMED Informa-Informação com Educação” e o Caderno de práticas exitosas. Esses dois documentos que serviam como meio de registro e informação do que ocorria na SEMED foram fios que antecederam a criação da página: “Educação Municipal em Rede – Ponte Nova”, a qual foi o meu movimento disparador da pesquisa e que levou a conhecer a página virtual da escola “Santo Antônio” e algumas professoras de lá.

Esta pesquisa, então, passa por diferentes espaços, que ao longo do caminho foram ganhando práticas para serem mais bem entendidas por nós.

– Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo

Admito que não foi nada fácil compreender todas as leituras realizadas sobre as diversas abordagens Curriculares que se cruzaram, misturam diferentes pensamentos e culturas, se complementaram, se criticaram até tornarem o campo do currículo algo híbrido²² e legitimado. “Tal legitimidade é conferida por sua presença em instâncias institucionalizadas” (LOPES; MACEDO, 2010, p. 18) como as instituições de ensino, pesquisa e extensão, revistas renomadas em educação, reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) no GT de currículo, entre outros.

Compreendi o currículo como um campo repleto de contribuições. Estas fazem do currículo um campo híbrido que exige que o pesquisador da área se aproprie do que lhe é útil em diversos campos, “guiando-se por uma ideia de confrontação criativa de modo que consiga revalorizar as discussões sobre currículo, aproveitando os elementos disponíveis em seu campo de origem” (MATOS; PAIVA, 2007, p. 6).

Esses estudos do campo do currículo intensificaram-se a cada ano devido às pesquisas produzidas Brasil e mundo afora, fazendo crescer as reflexões e as teorizações e tornando-o, então, objeto de cobiça dos mais diferentes pesquisadores.

²² Canclini (2003) distingue três processos fundamentais para explicar a hibridação: a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros (MATOS; PAIVA, 2007, p. 2).

Na compreensão do currículo que vivo e pratico nos espaços educacionais que transito foi preciso que eu o vivesse em sua materialidade. Foi preciso tocar em um documento Curricular para entender a sua prescrição e os seus compartimentos. Perceber que ainda há documentos que podem contribuir para um ensino dividido em diferentes gavetas com um **espaçotempo** determinado para abrir.

Para isso, fiz de alguns documentos prescritos da Escola em que trabalho objetos norteadores para o meu entendimento sobre as teorias que estavam me consumindo e, por hora, tirando meu sono. Busquei nos documentos legais que regem a nossa²³ escola o currículo prescrito, aquele que era norteador das ações dos professor@s e do trabalho das instituições educacionais.

Logo no primeiro documento analisado, o Regimento Escolar, encontrei no Capítulo II – Dos Currículos e Programas o artigo 83, que dizia:

O currículo será composto de uma Base Nacional Comum de uma Parte Diversificada, com estudos de interesse da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, ambas articuladas à vida cidadã com as áreas do conhecimento (MINAS GERAIS, 2015, p. 28).

Folheando esse mesmo documento, foi possível entender que o currículo era algo macro, norteador, prescritivo e compartimentado por disciplinas contidas na Matriz Curricular²⁴ da Escola, com uma carga horária exata.

Também no Projeto Político Pedagógico (PPP) foi possível encontrar definições do que era currículo para a instituição:

Currículo é um importante elemento constitutivo da organização escolar. Currículo implica, necessariamente, a interação entre sujeitos que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial que o sustente. Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2013).

²³ Digo nossa, porque é uma escola Estadual, pública, gratuita, que é custeada por todos nós cidadãos que pagam impostos ao governo.

²⁴ A Matriz Curricular é um documento que norteia e organiza a escola. É na matriz que há as grades curriculares com as disciplinas ensinadas nas escolas em determinados segmentos.

Com as leituras dos documentos e a experiência de ser professora, que vivia aquele currículo, compreendi a importância de se ter um documento orientador para o meu trabalho, já que é a partir dele que me orientei para planejar as aulas e ter conhecimento de quais habilidades e competências que cada criança precisaria ter. Compreendi nesses documentos pistas para um trabalho que levasse em conta a vida da escola, enquanto espaço de criação, como o trecho do Regimento Escolar já citado.

Apropriando-me deste currículo, fui fazendo usos dele, de forma que suas gavetas se tornassem movediças. A Matemática, por exemplo, indicava a maneira de como ensinar de acordo com o Currículo Básico Comum (CBC)²⁵, compreendendo as habilidades de cada disciplina, mas também indicava a necessidade de a vida da escola e a do aluno estarem presentes. E cabia a nós professor@s dar asas às inventividades. É com essa leitura inicial e com o uso que fiz do currículo da escola que mergulhei neste capítulo.

²⁵ Os CBCs não esgotam todos os conteúdos a serem abordados na escola, mas expressam os aspectos fundamentais de cada disciplina, que não podem deixar de ser ensinados e que o aluno não pode deixar de aprender. Ao mesmo tempo, estão indicadas as habilidades e competências que ele não pode deixar de adquirir e desenvolver (CBC de Geografia para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, 2006, p. 9).

CAPÍTULO 2

– Compreendendo as noções de currículo

Os currículos não são conteúdos prontos a serem repassados aos alunos. São uma construção e uma seleção de conhecimentos, valores, instrumentos da cultura produzidos em contextos e práticas sociais e culturais (ARROYO, p. 4 2007).

As diferentes formas de se vestir, de dançar, os diferentes conhecimentos, os meios de comunicação e a utilização de meios tecnológicos têm criado um *espaçotempo* em que as pessoas vivem entre culturas. Os sujeitos que possuem o acesso rápido a diferentes informações por meio da Internet podem ter maior possibilidade de conhecer a diversidade cultural, uma vez que há na Internet mecanismos de buscas, pesquisas, redes sociais virtuais com pessoas de diversas partes do mundo etc.

Larrosa chama atenção para esse excesso de informação. O autor afirma que a “informação não deixa lugar para experiência, ela é quase o contrário de experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2002, p. 3). O acesso à Internet, então, possibilita o sujeito à informação, e fazer desta uma experiência depende do uso que o sujeito faz.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2006), viver nesse tempo de deliciosos cruzamentos de fronteiras, de fascinante processo de hibridação de identidades, é uma dádiva, uma alegria. “Porém, esse mesmo tempo é de dor,

desespero e miséria. De anulação e negação das capacidades humanas” (SILVA, 2006, p. 7). Segundo Silva:

Estamos também bem no meio de uma época em que vemos aumentar à nossa volta o perímetro e o espaço da destruição, da exclusão e da privação, da exploração do outro e da terra, em que as possibilidades de fruição dos prazeres e das alegrias da vida e do mundo se veem intensamente ampliadas para uma parcela da humanidade, ao mesmo tempo, que se fecham definitiva e impiedosamente para outra... É uma desgraça, é uma danação, é uma tristeza, viver num tempo como esse, num tempo assim... (SILVA, 2006, p. 7).

Dessa forma, nós, educadores, que vivemos nessa sociedade que, ao mesmo tempo, é um privilégio e uma “danação”, perguntamos qual é o nosso papel dentro das escolas? E o que é necessário ensinar a esses sujeitos de diferentes culturas, valores e especificidades, que movimentam e compõem os currículos escolares?

Segundo Silva (2006, p. 7), “há muito, a tradição crítica compreendeu que o currículo está no centro das relações educativas e que ele corporifica os nexos entre saber, poder e identidade”. Para Silva (2004), essa tradição crítica nos remete ao currículo como espaço de relações de poder que contribui para reproduzir saberes e identidades da estrutura da sociedade capitalista (SILVA, 2004, p. 148). Para este autor,

O currículo é capitalista. O currículo reproduz – culturalmente - as estruturas sociais. O currículo tem um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista. O currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista. O currículo transmite a ideologia dominante. O currículo é, em suma, um território político (SILVA, 2004, p. 148).

Nas teorias críticas, o currículo aparece como construção social de algo que resulta de um processo histórico, como disputa e conflito social, que atravessa a sociedade e se faz currículo. Já nas teorias pós-críticas o poder que antes era central, como no Estado, se estende por toda a rede social (SILVA, 2004). “Para as teorias pós-críticas, o poder transforma-se, mas não desaparece” (SILVA, 2004, p. 149). E, tanto para uma teoria quanto para outra, o currículo é visto como importante elemento simbólico para a sociedade, independentemente de estar ou não dentro do ambiente escolar. Na sociedade contemporânea, o currículo tem efeitos nas salas de aula e em todo o cotidiano dos sujeitos que o vivem e o tecem.

Antes, entretanto, de aprofundar essa compreensão do currículo como algo tecido no ambiente *dentrofora* do cotidiano escolar, há histórias que iniciaram e

transformaram as teorias curriculares que são abordadas atualmente em nossa sociedade. E, mesmo com tantos estudos e teorias, ainda não é fácil responder exatamente o que é currículo, já que conceitos mudam a cada influência social, ou seja:

(...) aquilo que é considerado currículo num determinado momento, numa determinada sociedade, é o resultado de um complexo processual no qual, considerações epistemológicas puras ou deliberações sociais racionais e calculadas sobre o conhecimento talvez não sejam nem mesmo as mais centrais e importantes. Uma história do currículo que se limitasse a buscar o lógico e o coerente estaria esquecendo precisamente o caráter caótico e fragmentário das forças que o moldam e determinam (SILVA, 1995, p. 9).

Definir o conceito de currículo não é tarefa simples. Desde os séculos XIX e XX, estudos sobre currículo são feitos e o definem das mais diversas formas (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19). De acordo com Lopes e Macedo (2011), não é possível responder exatamente “o que é currículo”, apontando para algo que é intrinsecamente característico. É possível apontar características locais, históricas e parciais das ideias de currículo, permitindo a criação de novos sentidos para este campo de estudos que teve a sua primeira menção no ano 1633, em registros da Universidade de Glasgow, na Escócia, “referindo-se ao curso inteiro seguido pelos estudantes” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 20).

Embora essa menção ao termo não implique propriamente o surgimento de um campo de estudos de currículo, é importante observar que ela já embute uma associação entre currículo e princípios de globalidade estrutural e de sequenciação da experiência educacional ou a ideia de um plano de aprendizagem. Já nesse momento, o currículo dizia respeito a organizar a experiência escolar de sujeitos agrupados, caracteriza presente em um dos mais consolidados sentidos de currículo (LOPES; MACEDO, 2011, p. 20).

A ideia de currículo que guia e organiza, previamente ou não, as instituições escolares é composto por uma grade curricular com alguns programas, como as organizações das disciplinas, atividades, carga horária e planos de ensino para professor@s. A experiência vivida pelos sujeitos escolares, como o cotidiano familiar, também é discutida e trabalhada para a culminância de projetos que estão no currículo da escola, como uma festa da família, entre outros projetos que são planejados para serem cumpridos durante o ano letivo. Porém, esse currículo apenas como orientação não é bastante para as pesquisas que se preocupam com o currículo no/do/com o cotidiano escolar. Esses estudos mostram que o currículo vai além dos

guias e textos curriculares das redes de ensino e que ele também é construído e tecido na sala de aula e no *dentrofora* da escola.

O currículo como orientação, planejamento do estudo, organização de atividades sempre foi relevante para a sociedade. “No ensino tradicional ou jesuítico, por exemplo, as disciplinas eram ensinadas de acordo com a sua utilidade para o desenvolvimento de certas faculdades mentais, como o raciocínio lógico” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 21).

Na virada para os anos de 1900, com o início da industrialização americana, a escola passou a ser um local de formar os cidadãos para resolver os problemas da sociedade gerados pelas mudanças econômicas e industriais. Dessa forma, em meio às dúvidas do que é útil aprender e ensinar na situação da sociedade da época que se iniciaram os estudos curriculares e as suas diferentes teorias, que são acrescentadas e mudadas até hoje.

Bobbitt, em 1918, mostra em seu livro “The curriculum” como o currículo está ligado ao modelo teórico da administração científica de Taylor²⁶. “No modelo de currículo de Bobbitt, os estudantes devem ser processados como um produto fabril” (SILVA, 2004, p. 12).

Esses estudos e pesquisas sobre o currículo apareceram pela primeira vez nos Estados Unidos nos anos de 1920, quando o processo de industrialização e a imigração intensificavam e massificavam a escolarização. “Houve um impulso, por parte de pessoas ligadas sobretudo à administração da educação, para racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos” (SILVA, 2004, p. 12).

A década de 1960 foi marcada por transformações com vários movimentos, como os protestos dos estudantes na França e em outros países; os movimentos contracultura e os feministas; a liberação sexual; as lutas contra a ditadura militar no Brasil; entre outras grandes agitações. Foi nesse contexto que surgiram livros e teorias que questionavam e criticavam a estrutura e os pensamentos tradicionais educacionais, os quais restringiam os currículos às atividades técnicas de como fazer o currículo.

²⁶ Frederick W. Taylor (1856-1915) foi um engenheiro americano que, ao observar os trabalhadores industriais, constatou que eles deveriam ser organizadores (não seria organizados?) de forma sistematizada e hierarquizada para produzir mais. Dessa forma, foi criada a teoria do taylorismo.

Para a literatura educacional estadunidense, por exemplo, era preciso uma renovação da teoria curricular. Dessa forma, surgiram as teorias críticas. Essa renovação efetuou uma inversão nos fundamentos das teorias tradicionais que não se preocupavam com os arranjos educacionais existentes (SILVA, 2004). “As teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical” (SILVA, 2004, P. 30).

Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz (SILVA, 2004, P. 30).

No Brasil, as preocupações com o campo do currículo começaram em 1920 e, desde então, até a década de 1980, esse campo foi marcado pela transferência instrumental de teorizações americanas (LOPES; MACEDO, 2010). Essas teorizações eram de viés funcionalista²⁷ e se preocupavam em ensinar práticas que fossem úteis para a sociedade da época, como o ensino tecnicista, fabril, agrícola etc., sendo essas práticas estremecidas com a redemocratização do Brasil. Após 15 anos de ditadura militar, “a redemocratização trazia novos governos estaduais e reincorporava perspectivas marxistas aos discursos educacionais” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 29).

Após esse estremecimento, o pensamento Curricular no Brasil sofreu mais algumas influências, entre elas as de vertentes marxistas e de autores da Nova Sociologia da Educação inglesa, além de terem os seus grupos nacionais com os estudos de Paulo Freire, Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, entre outros que tomavam frente dos discursos educacionais brasileiros. Com todas essas multiplicidades de tendências e influências que se completam e se inter-relacionam, o campo do Currículo tornou-se híbrido e ainda mais difícil de ser definido.

Dessa forma, Lopes e Macedo (2010), após estudos e observações das diferentes teorias curriculares, consideraram esse campo constituído como intelectual. Um espaço em que diversos estudiosos da área, que detêm determinadas concepções sobre a teoria de currículo e disputam entre si o poder de definir quem tem a autoridade na área (LOPES; MACEDO, 2010).

²⁷ Para os funcionalistas, a sociedade é constituída por partes, em que cada um exerce a sua função em conjunto com as outras, para que assim haja harmonia social.

Entre os estudos realizados sobre as diversas influências sofridas no campo do currículo, a ideia deste como algo que é construído constantemente e que precisa condizer com a realidade dos sujeitos surgiu com os novos aportes teóricos do pós-estruturalismo no fim dos anos de 1970. No Brasil, esses estudos ganharam força no final do século XX e início do século XXI, com as produções de Tomaz Tadeu da Silva, que em uma de suas tantas ideias do que seja currículo o define como um dos espaços centrais para construção da educação como espaço público que promova possibilidades de espaço de diferentes culturas. “O currículo é, sempre e desde já, um empreendimento ético, um empreendimento político. Não há como evitá-lo” (SILVA, 2006, p. 29).

Diferente das teorizações críticas, o pensamento pós-estruturalista não se limita à ideia do educador como sujeito iluminado, capaz de indicar um caminho para a razão e conscientização do seu aluno, mostrando, de forma binária, o que é certo/errado, bonito/feio, verdade/mentira. Para o pós-estruturalismo “não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo cultural e social” (SILVA, p. 120). Dessa forma, um currículo nessa perspectiva questiona os elementos que atravessam, afetam e tecem os sujeitos.

Foi a partir dessa ampliação do currículo sob a vertente pós-estruturalista que a heterogeneidade escolar e a multiplicidade cultural que existem dentro das escolas começaram a ser observadas com um olhar mais minucioso. Apesar de o currículo escolar ser visto como documento macro, sendo composto por uma Base Nacional Comum, ele agora passa a ser visto como algo que se tece, se constrói e se desconstrói dentro da sala de aula a partir dos diferentes grupos que nela se encontram.

Como importante elemento simbólico para a sociedade, independentemente de estar ou não dentro do ambiente escolar, o currículo tem efeitos em todos os cantinhos das escolas e em todos os cotidianos dos sujeitos que o vivem e o tecem. Essa perspectiva pós-estruturalista, segundo Lopes e Macedo (2011), foi importante para revelar novas possibilidades de compreender assuntos cotidianos e contemporâneos como parte fundamental para a composição de currículos escolares.

Dessa forma, os estudos de currículo baseados na perspectiva pós-estruturalista abriram outras possibilidades de enxergar e entender o que acontece no “chão da escola” e na vida cotidiana dos sujeitos que são submersos de valores,

diferenças, sentimentos e características, que muitas vezes são fundamentais para compreender estudos na área da educação.

2.1. Currículos nas tramas dos Cotidianos

Na esteira da perspectiva pós-estruturalista, os estudos nos/dos/com os cotidianos trouxeram outras compreensões sobre teorias curriculares. Nesses estudos, tudo que ocorre *dentrofora* do ambiente escolar é levado em consideração e faz parte do currículo praticado nas instituições. Segundo Lopes e Macedo (2011), o aspecto mais marcante dessas teorias é a sua recusa em lidar com a separação entre a escola e os demais contextos de vida dos sujeitos.

Os estudos no campo do currículo envolvendo os cotidianos dos sujeitos e das escolas surgiram no Brasil nos anos de 1980, com Nilda Alves e alguns parceiros que ampliaram esse campo de pesquisa, possibilitando maior visibilidade entre os pesquisadores que tiveram como principal interlocutor o francês Michel de Certeau e também Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Boaventura de Sousa Santos (LOPES; MACEDO, 2011).

A ideia de Cotidiano que faz parte de estudos do campo do currículo não é o cotidiano de rotina como acordar, comer, ir trabalhar, voltar para casa e dormir... e assim repetidamente. O cotidiano que importa nesse campo teórico é composto das redes de relações que acontecem diariamente no *dentrofora* da escola. É o que foge do ritual e o que acontece entre as nossas tarefas diárias. É o que traz embates e negociações entre os sujeitos. É o cotidiano que se reinventa a cada acontecimento.

Entendemos o cotidiano como *espaçotempo* rico de criações, reinvenções e ações, recusando a noção hegemônica segundo a qual o cotidiano é um *espaçotempo* de repetição e mesmice e, portanto, pesquisas e reflexões nos/dos e com os cotidianos não criam e nem podem criar conhecimentos. Acreditamos, ao contrário, que cotidianamente são criados conhecimentos relevantes, não só para a vida cotidiana, mas também para o desenvolvimento de novas práticas sociais de conhecimento (OLIVEIRA, 2013, p. 51).

Para compreender esse cotidiano escolar rico e inventivo que compõe esse campo do currículo, Alves (2003) entende que é necessário dar um grande mergulho na realidade escolar e de seus sujeitos. É preciso questionar e entender aspectos que talvez passassem como invisíveis, mas que podem ser fundamentais para

compreender os currículos nas redes de relações cotidianas. Afinal, “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (CERTEAU, 1996, p. 31).

O cotidiano escolar é repleto de possibilidades de aprendizagens que se fazem múltiplas e criativas o tempo todo. As pessoas que transitam no ambiente escolar são as mesmas que vivem do lado de fora. Dessa forma, os sujeitos criam sempre uma rede de relações que vão além dos muros escolares. “Assim, o campo do currículo *no/do/com* os cotidianos se preocupa em estudar as escolas em sua realidade, como elas são, sem julgamentos, *a priori*, de valor” (ALVES; OLIVEIRA, 2013, p. 83).

Alves e Oliveira (2013) confirmam, em diversos textos que relacionam o currículo e o cotidiano, a importância de enxergar as multiplicidades que há nas escolas. Argumentam, no extrato a seguir, que para ver o que acontece é necessário se despir de preconceitos. É preciso estar sensível a qualquer acontecimento que se tece nas redes de relações e que faz parte do currículo.

Da nossa parte, e juntando-nos ao trabalho de Candeias (2001), o que pretendemos é evidenciar a necessidade de se compreender como os professores e professoras agem cotidianamente na busca de levar os seus alunos à aprendizagem, que elementos criam a partir de suas redes de saberes, de práticas e de subjetividades, como criam os seus fazeres e desenvolvem suas práticas em função do que são. Essa é, talvez, a questão central hoje dos estudos curriculares voltados para o cotidiano (ALVES; OLIVEIRA, 2013, p. 91).

Este currículo é importante para compreender que há conhecimentos tão significativos quanto os que fazem parte das grades curriculares. Assuntos trazidos pelas crianças e jovens atravessam as escolas e movimentam as salas de aula. Dessa forma, não há como negar as diversidades que vão além das disciplinas obrigatórias. Não há como negar que o currículo, além de documento, é movimento:

Assumir os efeitos das intensidades em devir num currículo é igualmente assumir que uma vida e uma escola não se fazem apenas por disciplinas, obrigações, ordens, provas e leis, mas também por núpcias, misturas e fecundações (SIMONINI, 2015, p. 13).

Este currículo é tecido nas redes de relações e tem sido sustentado por um aporte teórico que, segundo Oliveira (2003), não se faz menor do que qualquer outro conhecimento dito científico. Para essa autora, os processos cotidianos tecem as nossas redes de conhecimento, uma vez que nenhum de nós aprende isoladamente nenhum conteúdo. Nesse aporte teórico tratado por Oliveira e Alves, entre outros

autores, esses conhecimentos tecidos em rede têm sido sustentados pela noção de rizoma de Deleuze e Guattari (LOPES; MACEDO, 2011).

Deleuze e Guattari (1995) propuseram o paradigma rizomático, que se dá pelas conexões, pelos meios e pelas relações. É dessa forma que os conhecimentos são tecidos e reelaborados o tempo todo, em forma de redes e mapas que podem ser montados e desmontados, desconectados e conectados em qualquer momento. Em um rizoma:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1955, p. 21).

Esse princípio rizomático, que é comparado a mapas com entradas e saídas múltiplas, vem de uma perspectiva biológica, a qual apresenta o rizoma como caules modificados, como de gramíneas, tubérculos e bulbos, que se ligam e se cruzam e se reproduzem no subterrâneo. É uma conexão de caules e raízes que formam uma rede móvel sem começo e fim.

O princípio de conexão do rizoma é muito diferente da árvore que é fixada em determinado lugar. Sob essa perspectiva arbórea, os conhecimentos são compreendidos como estruturais, hierárquicos, sendo uns melhores que os outros. É como se o conhecimento raiz sustentasse todos os outros galhos. Segundo Deleuze e Guattari (1995), essa lógica arbórea é a lógica do decalque e da reprodução. “A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore”. (DELEUZE; GUATTARI, 1955, p. 20):

Diferente dos decalques que são cópias uma imagem central, o rizoma é um mapa que se constrói por meio de suas linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (DELEUZE; GUATTARI, 1955, p. 31).

Contra a ideia arborescente, rígida, hierárquica e cristalizada dos conhecimentos, a noção de rizoma se contrapõe a essa lógica binária do que é certo ou errado, do que é feio ou bonito e do que é fixo. Deleuze e Guattari reconhecem a

vida como potência, em que os conhecimentos são múltiplos e se conectam em rede por meio dos movimentos cotidianos.

E, assim como o rizoma, os conhecimentos que estão intrínsecos no currículo escolar também são tecidos e se conectam o tempo todo, podendo criar novas possibilidades de pensar e fazer educação. Porém, apesar de já existirem estudos que compreendem o cotidiano como grande importância para tecer o currículo praticado nas salas de aula, ainda há o currículo oficial legitimado e definido pelo Ministério da Educação e pela Base Nacional Comum, que muitas vezes estrutura, hierarquiza e ignora a multiplicidade que há nas escolas.

Essas multiplicidades presentes nos cotidianos dos sujeitos orientam e potencializam o currículo que é definido pelas Secretarias de Educação. Neles vem o como:

Estabelecer os conhecimentos, as habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos na educação básica, bem como as metas a serem alcançadas pelo professor a cada ano, como uma condição indispensável para o sucesso de todo sistema escolar que pretenda oferecer serviços educacionais de qualidade à população. A definição dos conteúdos básicos comuns (CBC) para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio constitui um passo importante no sentido de tornar a rede estadual de ensino de Minas num sistema de alto desempenho (MINAS GERAIS, 2006, p. 10).

Mesmo tendo um currículo que pretenda o sucesso de todo o sistema educacional, ao ser praticado com/nos cotidianos escolares, eles mais se assemelham a uma grande árvore do conhecimento, em que seus galhos são as disciplinas escolares (DINIZ et al., 2011). Dessa forma, é possível compreender a semelhança do modelo de currículo com a lógica arborescente.

Nos espaços educacionais emergem outros currículos e outras redes de relações. A forma como os alunos conversam, o conhecimento que eles trazem de casa, as brincadeiras de rua, a sala dos professor@s no horário do “cafezinho”, as conversas nos corredores e o uso do celular e das redes sociais pel@s alun@s e professor@s fazem parte e compõem esse currículo cotidiano que se constrói.

2.2. Currículo e formação de professor@s nos cotidianos

Escrever sobre o currículo e a formação de professor@s me faz pensar em todas as conexões que tenho feito para compreender o cotidiano *dentrofora* das

instituições educacionais e como essas conexões têm feito parte do meu dia a dia enquanto professora e pesquisadora na área de Educação.

Como já citei anteriormente neste capítulo, o currículo no cotidiano é tudo que se tece e se compõe dentro e fora dos muros escolares. A formação de professor@s neste caso não seria o contrário, já que a formação docente e o currículo são processos que se conectam e se completam. Para Ferraço e Gomes (2013, p. 465), “nos movimentos das redes de *saberesfazeres* que tecem as relações nos cotidianos das escolas, esses temas se colocam como *práticaspolíticas* em seus múltiplos enredamentos”. E:

Assim, para além da ideia de currículos e de processos de formação de professores reduzidos a prescrições, e dos docentes como técnicos, burocratas e reprodutores do modelo social vigente, quando discutimos as políticas de currículo e de formação de educadores juntando as palavras – *os currículosformações* –, passamos a compreendê-las em seus enredamentos da vida cotidiana, como fios das *práticaspolíticas* desses educadores que só fazem sentido se pensados juntos (FERRAÇO; GOMES, 2013, p. 466).

Por mais que o currículo e as políticas de formação sejam programas articulados pelo Governo e pelas Secretarias de Educação, como as grades curriculares nas escolas ou nos cursos de formação continuada, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)²⁸, entre outros, o que os professor@s fazem deles se torna algo múltiplo.

Cada professor em sua sala de aula reinventa as suas aprendizagens e pode ou não fazer de suas formações, sejam estas em cursos ou na sala d@s professor@s na hora do café, algo significativo para eles e para os alunos. Mas essa ideia de formação citada nesta dissertação surgiu no Brasil a partir de discussões acadêmicas construídas ao longo dos anos 1980 e 1990. Foi no decorrer desse tempo que houve a valorização da pesquisa sobre formação docente e desenvolvimento profissional, os quais eram articulados às “categorias teóricas no campo dos saberes docentes – identidade, história de vida, profissionalização, desenvolvimento pessoal e profissional” (SOUZA, 2007, p. 4), ou seja:

²⁸ Programa do Governo Federal que visa alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade, final do 3º ano do Ensino Fundamental, objetivando melhorar os índices de educação do país. Considera-se o modelo de Educação Continuada proposto ao ressaltar os desafios da Formação Continuada, bem como variáveis relacionadas às peculiaridades de cada região quanto à sua implementação e execução, no que diz respeito às condições materiais e pedagógicas (AMARAL, 2015, p. 1).

Do início dos anos 90 para cá, emergem pesquisas sobre formação de professores que abordam as histórias de vida, tematizando sobre a memória, as representações sobre a profissão, os ciclos de vida, o trabalho com a autobiografia ou as narrativas de professores em exercício, em final de carreira ou em formação. Essa perspectiva de pesquisa vincula-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, que toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação, denominada de **abordagem experiencial** (SOUZA, 2007, p. 4).

Esta abordagem experiencial referenciada por Souza (2007) é utilizada em pesquisas na área de formação docente, as quais @s professor@s são pesquisador@s e narrador@s de suas próprias experiências e cotidianos vividos em sala, que são parte do currículo.

Em muitas dessas pesquisas, como são relatadas no material “Histórias de Vida e formação de professor@s” do Programa Salto para o Futuro da TV Escola (2007), são apresentadas algumas narrativas que mostram a formação como algo que acontece no decurso da vida. A formação começa antes mesmo do processo de escolarização, não se esgotando com a conclusão do curso superior. Ela se “estende com o ingresso na profissão, prolonga-se como processo formativo ao longo da vida pessoal e profissional e amplia-se no cotidiano escolar” (SOUZA, 2007, p. 9), conforme a seguir:

(...)no caso do *praticante docente*, antes de termos o direito legal de sermos professores/professoras, “aprendemos o *ofício*” em milhares de aulas assistidas durante toda a trajetória que nos levou a ‘escolher a profissão’, em múltiplos contextos cotidianos, e das quais lembramos, tanto como em *narrativas* do exercício profissional feitas por docentes nossos conhecidos, ou com quem vamos tendo aulas. Nessas *trajetórias* – de ver e ouvir e muito sentir – aprendemos gestos, expressões, maneiras, movimentação de corpo, como o professor/professora deve se vestir ou falar, como encaminhar o trabalho com os alunos/alunas, como se dirigir às autoridades educacionais ou como receber os pais, a fazer uso de múltiplas linguagens, enfim. Neste processo complexo, também fomos compondo sentidos sobre: a relação professor-aluno; o papel do professor/professora na escola e na sociedade; como conduzir uma *aula*, bem como as tão diferentes aulas que precisamos fazer acontecer em toda a nossa vida profissional; onde procurar o melhor apoio para conduzir uma *aula* e todas elas; como encontrar, em um momento inesperado, uma resposta que não sabíamos que sabíamos... (ALVES, 2008, p. 70).

Toda experiência trazida do *dentrofora* do ambiente escolar, desde o processo de escolarização, nos compõe enquanto professor@s e humanos que irão trabalhar com tantos outros saberes e culturas. E todos esses diferentes saberes e culturas trazidos pel@s alun@s e professor@s no *dentrofora* da sala de aula se tornam parte do currículo no cotidiano que se tece e afeta a todos os sujeitos escolares.

Relacionando esse currículo ao uso das redes sociais virtuais, a exemplo do *Facebook*, penso se esta rede já é considerada pel@s professor@s como espaço de construção de *saberesfazeres* que influenciam na formação profissional.

– Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo

Enquanto estava em meus estudos sobre Internet, Cibercultura, Ciberespaço, redes sociais virtuais etc., enquanto lia dali, via vídeos daqui, enquanto entrevistava e transcrevia para sair um pouco dos estudos teóricos, enquanto dava algumas (muitas) olhadinhas em minhas redes sociais virtuais... apareceu, por coincidência, no dia 23 de agosto, uma publicação do *Facebook* logo pela manhã. Nela dizia que “há 25 anos as redes estão conectando pessoas do mundo inteiro”. A imagem a seguir mostra a comemoração do *Facebook*, e, a partir daí, foi possível ver publicações do mundo inteiro falando sobre o mesmo assunto, o *Internautday*, o dia da Internet ou do internauta.



Imagem 1 – *Print Screen* retirado do *Facebook*.

Fonte: <www.facebook.com.br>.

Em muitas das publicações encontradas, como a desta imagem, as pessoas agradeciam ao Sir Tim Berners-Lee e outros pioneiros por terem deixado o mundo mais aberto e conectado. Segundo a postagem do *#Internautday*, nesse dia, em 1991, a Internet foi aberta ao público e hoje abrange 2,8 bilhões de pessoas que estão ligadas de várias formas, como por meio das famosas *# (hashtags)*²⁹.

Como usadas no *#Internautday*, as *hashtags* são ações colaborativas que ocorrem entre os sujeitos nas redes sociais e são utilizadas para categorizar, etiquetar, criar uma interação dinâmica das palavras-chave, frases e sentimentos que são postos depois do símbolo. Com o uso da *hashtag*, determinado assunto fica disponível para qualquer pessoa que esteja procurando. Dessa forma, fica mais fácil encontrar o que se procura na rede (GOBBY, 2013).

Observando a página virtual e oficial³⁰ no *Facebook* da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), que é uma página da qual faço uso para esta pesquisa, busco acompanhá-la e observo que os internautas usam as *hashtags* na maioria das postagens para que a procura sobre o assunto se torne mais fácil, por exemplo: ao procurar no *Facebook* *#EducaçãoMG*, é possível encontrar fotos, vídeos, textos e notícias relacionadas à Educação do Estado de Minas Gerais, como sobre o atraso do 13º salário, contratos, designações etc. Nas imagens a seguir, percebe-se que, além de encontrar publicações feitas pela página da SEE-MG, é possível ver também o que outras pessoas postam a respeito.

Ligando os meus estudos à minha vida nas redes virtuais, foi mais fácil fazer algumas compreensões que pareciam difíceis inicialmente, como a história da Internet que falarei adiante. Por não fazerem parte da minha formação acadêmica inicial, estudar teorias que nunca tinha visto antes exigiu um pouco mais de esforço e assimilação ao que eu vivia no meu cotidiano na Internet. Porém, ao ler e observar quanto somos atravessados, percebi que a minha formação em Pedagogia e os meus estudos feitos para a construção desta dissertação estão mais conectados às redes virtuais do que eu imaginava.

Foi a partir dessa conexão que consegui enriquecer o próximo capítulo, que apresenta algumas tessituras das redes na Internet.

²⁹ O sinal # foi usado pela primeira vez para facilitar a organização de mensagens sobre um mesmo tema em 22 de outubro de 2007, por Nate Ritter. Ele criou a tag *#sandiegofire* nos relatos que vinha fazendo sobre os incêndios em San Diego. No Brasil, as *tags* vêm também sendo muito utilizadas para cobrir eventos e tragédias (a tag *#terremotoSP* foi um marco nesse sentido) (PRIMO, Alex, 2010).

³⁰ Página virtual disponível em: <<https://www.facebook.com/secretariadeeducacaomg/?fref=ts>>.



Imagens 2, 3, 4 e 5 – *Print Screen* retirado do *Facebook* da SEE-MG.

CAPÍTULO 3

– As outras Redes que formam currículo: a internet entrando no jogo

As relações que se tecem em redes de nós, interconectados, segundo Castells, é prática humana muito antiga. Os sujeitos se relacionam, caracterizando suas formas de comunicação a cada momento histórico vivido. Porém, essa prática tem se potencializado e se transformado em informações rápidas devido à Internet. Esta, por sua vez, passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação (CASTELLS, 2003).

Essa “Era da Informação” possibilitou, por meio das redes virtuais, uma comunicação diferente da usual que fazemos pessoalmente. Com o acesso às redes virtuais de organização rápida e flexível, os sujeitos podem fazer contato com outros e produzir informações, criar opiniões, modificar a maneira de pensar, independentemente da localidade onde se encontram, atravessados pelas redes virtuais.

Esses sujeitos, por sua vez, podem se tornar parte dos conhecimentos de outros, modificando sua maneira de pensar e agir. Ou simplesmente passar pelo sujeito como uma informação que não altera em nada a sua vida. Isso depende dos significados que o sujeito atribui a ele mesmo. Segundo Larrosa (2002), durante o dia muitas coisas nos passam no campo da informação, mas pouca coisa se torna experiência. Segundo esse autor, a experiência é:

o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDÍA, 2002, p. 21).

Ou seja, as redes virtuais que fazem parte da sociedade e movimentam nossas vidas podem ou não produzir novos sujeitos com habilidades diferentes das anteriores à existência dessas redes, ou ser, simplesmente, mais um meio rápido de informação.

A história de criação e desenvolvimento da internet, ocorrida a partir da década de 1960 com a Arpanet³¹, com a explosão da *Word Wide Web* em 1990 (CASTELLS, 2003), faz parte do nosso dia a dia. Esta, como toda e qualquer história, tem seus desafios, batalhas, derrotas e coragens enfrentados por pessoas que decidiram fazer criações e se aventurar no mundo da tecnologia.

A Arpanet, que deu origem aos caminhos da Internet, foi uma rede de computadores montada em setembro de 1969 pela Advanced Research Project Agency (ARPA). Essa rede era um pequeno programa que tinha a intenção de estimular a pesquisa em computação interativa (CASTELLS, 2003). Como a finalidade era fazer crescer ainda mais as redes de computadores, o passo seguinte foi conectar a Arpanet com outras redes de computadores, a PRNET e a SATNET. E isso introduziu um novo conceito: uma rede de redes (CASTELLS, 2003).

Mesmo com o seu crescimento e conexões, a Arpanet foi retirada do ar e quem ficou responsável, por pouco tempo, pela administração da Internet nos Estados Unidos da América foi a National Science Foundation³² (NSF). “Com a tecnologia de redes de computadores no domínio público e as telecomunicações plenamente desreguladas, a NSF tratou logo de encaminhar a privatização da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 15). Com essa privatização e como a maioria dos

³¹ Advanced Research Project Agency Network foi criada pela Advanced Research Project Agency (ARPA – Agência de Pesquisas em Projetos Avançados). A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro Sputnik, em 1957. A Arpanet foi a primeira rede operacional de computadores à base de comutação de pacotes, e o precursor da Internet foi criada só para fins militares (CASTELLS, 2003, p. 13).

³² A National Science Foundation (Fundação Nacional da Ciência) é uma agência governamental independente dos Estados Unidos que promove pesquisas em todos os campos da ciência e da engenharia.

computadores dos Estados Unidos da América tinha a capacidade de conectar em rede, a NSFNET foi extinta, dando lugar a diversos provedores que montaram suas próprias redes em 1990. Foi a partir de então que a Internet foi crescendo rapidamente e atingiu uma rede global de computadores que cresce até hoje.

O que expandiu para o mundo todo o acesso à Internet foi o desenvolvimento da *World Wide Web*, também conhecido como *Web*. Este protocolo³³ foi desenvolvido pelo programador inglês Tim Berners-Lee com a ajuda de Robert Cailliau no CERN³⁴, um laboratório europeu para a Física e Partículas com base em Genebra (CASTELLS, 2003). Foi em agosto de 1991 que esse *software* do protocolo da *Web* foi lançado na Net.

Assim, após a explosão da *WWW*, a Internet permitiu a interconexão de todas as redes do mundo, facilitando o acesso que temos hoje a qualquer localidade. Mesmo que a década de 1990 tenha sido reconhecida pela expansão da Internet, todos os aspectos históricos passados foram marcas que temos hoje em nossos computadores, *smartphones* e *tablets*. Dessa forma, é preciso reconhecer que as redes que tecemos hoje na Internet têm sinais de quem começou as suas invenções em 1960.

Hoje, com o crescimento da Internet, 80% da população dos países industrializados tem conexão em suas casas. O mesmo acontece com pessoas de classes médias urbanas nos países desenvolvidos. Países como Rússia, Índia, China e o nosso Brasil são os que têm conexões mais elevadas entre os jovens (LEMOS; LEVÝ, 2010).

De acordo com Lemos e Levý (2010), no entanto, mesmo que os jovens sejam a maioria do público que utiliza a Internet, sujeitos de diferentes idades e gêneros, eles têm feito dela o seu “ciberespaço” de comunicação, informação e distração. Para Lévy, “ciberespaço”, chamado por ele também de “rede”, é o novo meio de comunicação que surge com a interconexão de computadores. “Este termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17). Ainda conforme este autor, o ciberespaço permite que os sujeitos se coordenem, cooperem, se

³³ Os protocolos de Internet permitem a interoperação entre computadores. As virtudes do protocolo incluem a robustez, a contingência, a interoperabilidade, a flexibilidade e a heterogeneidade (GALLOWAY, A. R., 2010, p. 2).

³⁴ Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear.

comuniquem e consultem uma memória comum, e isso quase em tempo real, independentemente do horário e da localização geográfica.

Para complementar esse conceito, a ideia de “ciberespaço” para Castells (1999) é como um espaço de fluxos que se relaciona com os espaços de lugar, como as ruas, praças, escolas, clubes, ou seja, são os espaços fixos de determinado local se conectando em redes na Internet. Nesse ciberespaço, onde nos conectamos diariamente, podemos nos organizar, obter e transmitir informações organizadas por nós mesmos. Dessa forma, a nossa constante “olhadinha” no celular para verificar notificações, ligações, e-mails e redes sociais virtuais, como o *Facebook* e o *Whatsapp*, que fazemos quase que o tempo todo, faz parte da Cibercultura, que tem caráter flexível e de interconexão. E:

A interconexão é um fenômeno muito geral: tece relações entre territórios, entre computadores, entre meios de comunicação, entre documentos, entre dados, entre categorias, entre pessoas, entre grupos e instituições. Ela cruza as distâncias e os fusos horários. Ela atravessa as fronteiras geográficas e institucionais. Ela cria curto-circuito entre níveis hierárquicos e as culturas (LEMOS; LEVÝ, 2010, p. 14).

Essa Cibercultura, que já faz parte da vida de crianças, jovens e adultos, expressa o surgimento de um novo universo no qual a comunicação se constrói e se estende, por meio da interconexão das mensagens geradas a partir de computadores em todo o mundo (LEVÝ, 1999). Ela se especifica no conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que contribuem e se desenvolvem junto com o ciberespaço (LÉVY, 1999).

A Cibercultura para Lemos (2010) é o conjunto tecnocultural que emergiu no final do século XX e se deu com o surgimento das redes telemáticas mundiais. Ela vem modificando o cotidiano da sociedade, fazendo que as nossas relações ganhem novas formas no dia a dia. Interligados por meio de computadores e celulares com acesso à Internet, estamos fazendo que a Cibercultura faça parte da nossa realidade diária.

Essa nova cultura no ciberespaço acaba retirando o monopólio das mídias massivas, como a rádio e a televisão, que não têm uma forma de interação imediata e recíproca com seus interlocutores (LEMOS; LEVÝ, 2010). Essas mídias que servem para nos informar e entreter com informações selecionadas antes de serem transmitidas perderam o seu privilégio exclusivo para as redes sociais, que permitem o nosso consumo, produção, distribuição e questionamentos de informações em

tempo real. Fazendo, assim, de nós não só consumidores, mas também produtores nas mídias e nas redes sociais virtuais. O texto a seguir corrobora essa assertiva:

Onipresentes no meio da computação social, as *redes sociais*, que chamávamos de “comunidades virtuais”, há alguns anos conhecem um desenvolvimento fulminante. No *Facebook*, *MySpace*, *Orkut*, *LinkedIn*, *Xing*, *Pulse* ou nos milhares de comunidades criadas através de *softwares* livres, nos meios de comunicação social- como NING, indivíduos constroem redes de contatos, de amigos e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de *marketing* e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos (LEMOS; LEVÝ, 2010, p. 12).

Essas redes das novas mídias que completaram a comunicação digital modificaram as relações pessoais em seus *espaçotempos*, criando a proposta de uma interação recíproca e do diálogo amplo entre seus participantes. De acordo com Gobby (2013), essas novas mídias produzem o processo todos-todos, diferentes da mídia um-todos da comunicação de massa, como a rádio e a televisão, em que não há diálogo recíproco e imediato entre os interlocutores. “O processo ‘todos-todos’ ocorre em qualquer lugar e tempo, utiliza os mais variados signos e significações, como: texto, som, imagem, vídeo, ícones, *links* e *hiperlinks*, ao mesmo tempo e isoladamente” (GOBBY, 2013, p. 162).

E para acontecer esse processo em que os interlocutores se conectam e se comunicam é necessário estar interligado em *sites* e redes de relacionamento, onde as pessoas criam contatos com as outras, podendo trocar mensagens, fotos e demais conteúdos, ou seja:

As redes sociais operam a partir da criação de perfis que representam os usuários. Assim, elas oferecem serviços de mensagem instantânea, murais de mensagens, postagem de fotos e vídeos, entre outros. A popularização desses serviços faz que, com cada um desses perfis, criem-se pontos de referência para a identidade digital de alguém. Ademais, as redes sociais vão além de outros serviços apresentados na rede, porque agregam as funcionalidades dos demais e permitem socializar os passos que cada um dá nas redes, acionando os recursos para isso (SANTAELLA, 2013, p. 28).

Esses *sites* que abrigam redes sociais virtuais abrem espaço para a criação de perfis com características e informações próprias de cada usuário para uma conexão em rede. Hoje temos em nossas mãos dezenas de *sites* que permitem que criemos nossas redes de diferentes maneiras. Alguns *sites*, como *Facebook* e *Orkut*, são para

manutenção de redes sociais, mas é possível também ver *os weblogs*³⁵ e o *Twitter*³⁶, que não têm a mesma intenção inicialmente, mas seus usuários acabam trocando mensagens, comentários, curtidas etc.

Além dos sites de redes sociais, *weblog* e *microblogging* citados anteriormente, há outros que permitem que criemos redes de relacionamentos no nosso ciberespaço e que estão presentes em nossa Cibercultura. O *e-mail*, ou correio eletrônico, por exemplo, usamos para enviar e receber mensagens formais ou informais de pessoas, instituições de trabalho, empresas, propagandas etc. Para se inscrever em concursos, cursos básicos de formação e até entrar em uma instituição de ensino superior, é necessária a criação de um *e-mail* para receber informações e comunicações.

Tendo aspectos diferentes do *e-mail*, o *Orkut*, que foi um *site* de relacionamento bastante usado pelos brasileiros e que hoje se encontra desativado, foi “criado por Buyukokkten, ex-aluno da Universidade de Stanford, e lançado pelo Google em janeiro de 2004. O *site* era uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades” (RECUERO, 2004, p. 7). Nele, as pessoas criavam seu perfil, se conectavam com outras, se comunicavam, criavam álbuns de fotos e participavam de comunidades de interesses próprios. Assim como o *Orkut*, o *Linkedin*³⁷ também é um *site* de rede social, só que voltado para negócios profissionais.

Além desses *sites* que fazem conexões de redes sociais, existem os aplicativos nos dispositivos móveis, como os *smartphones* e *tablets*. Esses incorporam a lógica da comunicação todos-todos, em que todos podem comunicar com todos e permitem a criação e manutenção de laços sociais entre os usuários.

Entre esses aplicativos que fazem a manutenção de redes sociais entre seus usuários estão o *Instagram*³⁸, que “é um aplicativo de fotografia de captura e compartilhamento de imagens, permitindo que os usuários capturem, tratem e publiquem a fotografia através de sua rede” (PIRES, 2013, p. 1); o *Snapchat*, que

³⁵ Os *weblogs* trabalham aspectos da “construção de si” e da “narração do eu”. A percepção de um *weblog* como narrativa, através de uma personalização do Outro, é essencial para que o processo comunicativo seja estabelecido.

³⁶ O *Twitter* é um *site* de serviço de *microblogging* que permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres. O *Twitter* é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, em que cada *twitter* pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Disponível em: <<http://www.twitter.com>> (RECUERO, R., 2009).

³⁷ <<https://www.linkedin.com/portugues>>.

³⁸ <<https://www.instagram.com>>.

vem ganhando destaque entre os usuários da Internet, como jovens e grandes artistas, que usam o aplicativo por meio dos seus celulares para divulgar fotos, vídeos e mensagens que ficam em rede apenas por 24 horas ou alguns segundos e têm uma autodestruição após serem vistos (DE LUCENA WANDERLEY; BALDANZA, 2016); o *Whatsapp*, que é um aplicativo para dispositivos móveis, em que as pessoas trocam mensagens gratuitamente, podem criar grupos com mais de 50 participantes e enviar mensagens com fotos, vídeos, áudio, compartilhar localização, entre outras funções (OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de et al., 2014).

Em meio a dezenas de *sites*, aplicativos nos celulares e conexões a tantas redes virtuais, o *site* que mais pontuei nesta dissertação foi o *Facebook*. Foi por meio das redes tecidas nele que cheguei a pensar e me questionar sobre os usos que “nós” professore@s fazemos dele.

3.1. O *Facebook* e a sua inserção nos espaços sociais



Imagem 6 – *Prints Screen* da página inicial do site *Facebook*.

O *Facebook* é um espaço virtual que permite a ampliação das relações pessoais, afetivas e profissionais entre participantes do mundo todo, como é mostrado na imagem retirada do próprio *site*. Este foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e alguns amigos nos Estados Unidos, com o propósito de

criar um espaço em que as pessoas pudessem se encontrar, compartilhar ideias e fotografias.

No início, a rede era apenas para os estudantes da universidade de *Havard*, onde Mark e seus amigos estudavam. Mas, em poucos meses, estudantes de outras universidades americanas se conectaram por meio dessa rede. Com a sua expansão, hoje o *Facebook* é considerado a rede social mais popular do mundo, de acordo com Christian Kreutz (2009). Segundo Amante (2014), o *Facebook* possui diversas funções, e uma delas é expressar a identidade de seus usuários:

O *Facebook* permite a autoexpressão através do perfil, ao mesmo tempo em que favorece múltiplas oportunidades para compartilhar informações sobre a própria cultura, gostos, redes de amizade, filiação política, e outros aspectos que contribuem para a construção quer da identidade, quer das relações com os outros, desempenhando um papel importante em manter e desenvolver o capital social, podendo ainda ter reflexos nos contextos educacionais, independentemente da utilização específica destas ferramentas como espaços de aprendizagem formal (AMANTE, 2014, p. 40).

Nesta rede de autoexpressão, segundo Amante (2014), os usuários podem criar um perfil pessoal, fazer amigos e trocar informações por meio de mensagens. O participante também tem a opção de entrar em grupos de interesses organizados por empresas, faculdades, escolas e até mesmo entre os próprios usuários. Por permitir a criação de perfis profissionais e de diferentes grupos, diversos participantes se organizam virtualmente para discutirem assuntos em comum.

As redes sociais acabam fazendo trabalho facilitador da sociabilidade e das relações entre seus usuários que se conectam por se conhecerem e, ou, por terem afinidades em algumas temáticas. Por mais que os sujeitos não se conheçam, as redes fazem que as pessoas criem laços entre elas.

Esses laços, segundo Mark Granovetter (*apud* DORA KAUFMAN, 2012), podem ser considerados como “Fortes” ou “Fracos”. Nas relações de “Laços Fortes”, as pessoas que se conectam geralmente participam de um mesmo círculo social e têm características em comum. “As dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos *clusters*³⁹. Por isso mesmo, nas referidas redes, procuramos referências para a tomada de decisão; são relações com alto nível de credibilidade e influência”

³⁹ *Clusters* são grupos de nós muito conectados. Em termos de redes sociais, os *clusters* são considerados grupos sociais coesos. Eles são unidos a outros grupos através de laços individuais de seus membros (RECUERO, 2003, p. 4).

(KAUFMAN, 2012, p. 208). De acordo com Santaella (2014), os laços fortes acontecem de forma *on-line* e *off-line*.

Já nas relações de “Laços Fracos” criadas nas redes, Santaella (2014) diz que as conexões são tênues. Elas podem se refazer e se desfazer a qualquer momento. Mas, de acordo com Dora Kaufman (2012), esses “Laços Fracos”, mesmo que delicados, são importantes para nos conectarmos com grupos novos e diferentes da nossa convivência:

“Laços Fracos” são vitais para a integração dos indivíduos à sociedade, e os sistemas sociais carentes de “Laços Fracos” serão fragmentados e incoerentes, novas ideias vão se espalhar lentamente, esforços científicos ficarão em desvantagem, e subgrupos separados por raça, etnia, geografia ou outras características terão dificuldade em chegar a um *modus vivendi* (KAUFMAN, Dora, 2012, p. 208).

Além da criação de “Laços Fortes” e “Fracos” nas redes sociais, com o *Facebook* as pessoas fazem a autoexposição, publicam fotos e vídeos pessoais e acabam fazendo do seu perfil uma extensão das suas vidas, em que é importante ver e ser visto.

No “Grupo Educação Municipal em Rede – Ponte Nova”, por exemplo, fica evidente nas publicações a importância de mostrar virtualmente os trabalhos realizados pelas escolas municipais e pela SEMED. Como os participantes do grupo são os próprios funcionários da prefeitura (professor@s, diretor@s, supervisor@s, prefeito), este espaço virtual acaba se tornando referência de ver e ser visto para todos eles.

De acordo com Fernanda Bruno (2013), essa importância de ver e ser visto começou com a popularização do uso de exposição de vídeos pessoais e narrativas de si em *blogs* na Internet, juntamente com os programas de *reality show* na mídia de massa. Desde então, o tema da “exposição do Eu” nas tecnologias e nas redes de comunicação se tornou tema de pesquisa e de pautas midiáticas, como é possível ver nos livros “Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade”, de Fernanda Bruno (2013); e no “O *show* do eu: a intimidade como espetáculo”, de Paula Sibilia (2008).

Com essa tecnologia do ver e do ser visto, os indivíduos têm ficado mais expostos à vigilância nas redes sociais, já que eles são autônomos para expor a sua própria vida. De acordo com especialistas em tecnologias, a geração dos “nativos digitais” irá conduzir a sociedade em um novo mundo de divulgação pessoal e

permanecerá expondo seus dados pessoais em redes e tecnologias sociais digitais (BRUNO, 2013).

Em meio a essas redes de vigilância distribuída pelo *Facebook*, por exemplo, é preciso ter cuidado com as fotos que compartilhamos, os textos e os vídeos. Isso porque estes dizem respeito à pessoa que somos ou que gostaríamos de ser. Por meio do nosso perfil, conquistamos afetos e desafetos, construímos parcerias, chamamos atenção para um “eu”. Somos, então, indivíduo e multiplicidade. Esses processos são chamados de vigilância assistida nas redes, meio pelo qual temos acesso às informações do outro, tendo, portanto, que nos policiar mais, tendo em vista a exposição no *Facebook*, que também é um local de *networking*.

Com base nos estudos sobre redes virtuais e os usos que faço do *Facebook*, passo ao analisar o caso do grupo virtual criado pela Secretária Municipal de Educação de Ponte Nova, o “Educação Municipal em Rede – PN”. A Secretaria, ao criá-lo, sugeriu que todos os responsáveis pelas escolas municipais criassem um perfil na rede social virtual para que houvesse uma participação maior.

– Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo

No capítulo a seguir, apresento as conexões realizadas que fiz enquanto conhecia a Secretaria Municipal de Educação e todas as outras redes achadas no caminho, como o jornalzinho “SEMED informa – Informação com Educação” e o Caderno de práticas exitosas. Nele narro também os encontros realizados com a secretária Júlia, que foram além da entrevista formal na SEMED e se estenderam a conversas informais nos encontros de amigos que temos em comum e em conversas no *Whatsapp*.

Esses encontros foram potência de vida para mim e reativadores de força para dar continuidade à pesquisa. De acordo com Paraíso (2015, p. 50), na vida é sempre possível um encontro ou uma conexão capaz de reativar forças, ativar devires e produzir alegrias.

E foram essas conexões que me levaram ao grupo virtual e a outros locais e participantes que compõem esta dissertação.

CAPÍTULO 4

– A Secretaria Municipal de Educação e suas redes de formação

A formação acontece no decurso da vida.

(Elizeu Clementino Souza, 2007)

A Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova – SEMED, desde o ano 2013, com a gestão da prefeitura de 2013 a 2016, conta com a administração da secretária Júlia. Nesse período de gestão, fui informada que houve as seguintes ações: a discussão do Plano Decenal de Educação, os processos seletivos de funcionários, o currículo da rede, capacitações e formações continuadas de professor@s e demais acontecimentos.

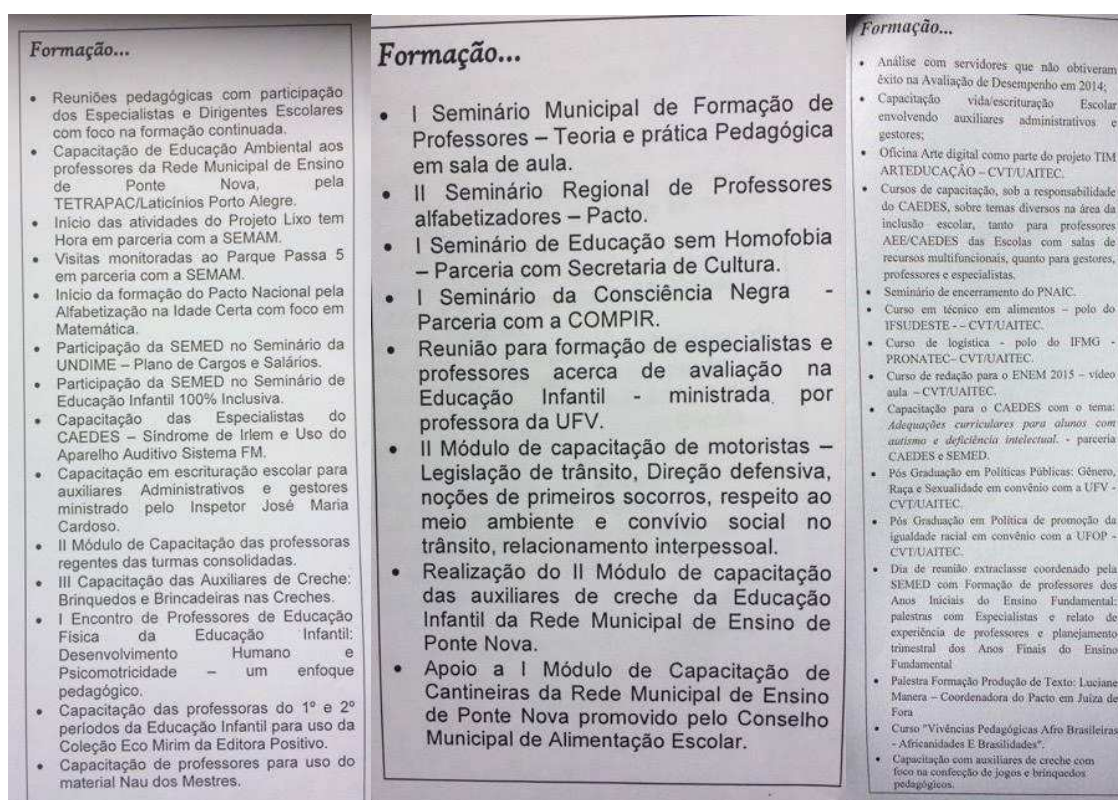
Nos encontros com a secretária Júlia, ela sempre falava sobre os trabalhos de formação e capacitação de professor@s que ocorriam constantemente e que, segundo ela, eram muito valorizados pela SEMED. E, para dar maiores informações sobre todos os processos que aconteceram desde o início da sua gestão, ela disponibilizou jornaizinhos publicados semestralmente que apresentavam ações em andamento e as realizadas, os destaques semestrais, os projetos de infraestrutura e os processos de formação dos funcionários da rede municipal de ensino.

4.1. O Jornal e o caderno de práticas exitosas

O “SEMED informa – Informação com Educação” começou a circular em junho de 2013. Ao analisar as cinco edições semestrais até agosto de 2015, foi

possível observar qual era a formação continuada que a Secretaria proporcionava para seus funcionários.

Começo por apresentar trechos que considero trazer o que estava entendendo como Formação Continuada para a SEMED. Para isso, selecionei as edições 3, 4 e 5 do jornalzinho, li e marquei neles os trechos que “diziam” sobre formação continuada, os quais transcrevo a seguir:



Imagens 7, 8 e 9 – Recortes do Jornal Semestral “SEMED informa – Informação com Educação”.

Diante do exposto, posso afirmar que a SEMED faz da formação continuada dos seus funcionários algo que acontece constantemente com cursos, palestras, capacitações, reuniões etc.

Nesses informativos, algumas atividades chamaram atenção por terem acontecido no *dentrofora* dos muros escolares e por fazerem parte da formação cotidiana dos funcionários da rede. Cursos de Grafia Negra oferecidos pela UFV; curso *on-line* de educação para o trânsito; oficina de confecção de livros; cursos de

danças folclóricas; curso de teatro; visitas monitoradas ao parque ecológico da região; seminário de educação sem homofobia; oficina de arte digital; capacitação para professor@s da cultura afro; etc.

Para alguns autores, como Alves (2010), Barbosa de Oliveira (2013), Ferraço (2012), entre outros que estudam, pesquisam e escrevem em perspectivas cotidianas, a formação continuada de professor@s se dá por meio das redes que se tecem no cotidiano de todos os sujeitos escolares. E, independentemente de ser em *espaçostempos* escolares ou não, a formação acontece com diferentes experiências, práticas e teorias. E isso parece acontecer na Rede Municipal de Ponte Nova, já que houve a constituição de diferentes tipos de formação.

Esses e muitos outros acontecimentos descritos no jornal ocorreram como processos de formação continuada, com o intuito de construir coletivamente os conhecimentos dos sujeitos que transitam na rede municipal de ensino. Mas, mesmo tendo essas atividades como parte da formação, como apresenta no “SEMED informa”, não é possível concluir aqui se essas têm surtido efeito na formação d@s professor@s que participaram, e não é esse o objetivo desta dissertação.

Além desse informativo, outro meio para registrar as ações de formação foi o caderno de práticas exitosas⁴⁰ que cada escola possui e que era apresentado em reuniões dos funcionários da rede de educação. Nesse caderno, chamado também de “Registro de Boas Práticas Pedagógicas”, eram descritas as experiências de atividades as quais @s professor@s realizavam com seus alunos, além das fotografias tiradas para registrar cada momento.

As “boas práticas” registradas nos cadernos de cada escola foram de atividades que deram certo e promoveram um bom resultado almejado pela Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova (SEMED). Para isso, tanto os professores quanto os alunos tiveram que se adequar aos critérios que SEMED acreditava.

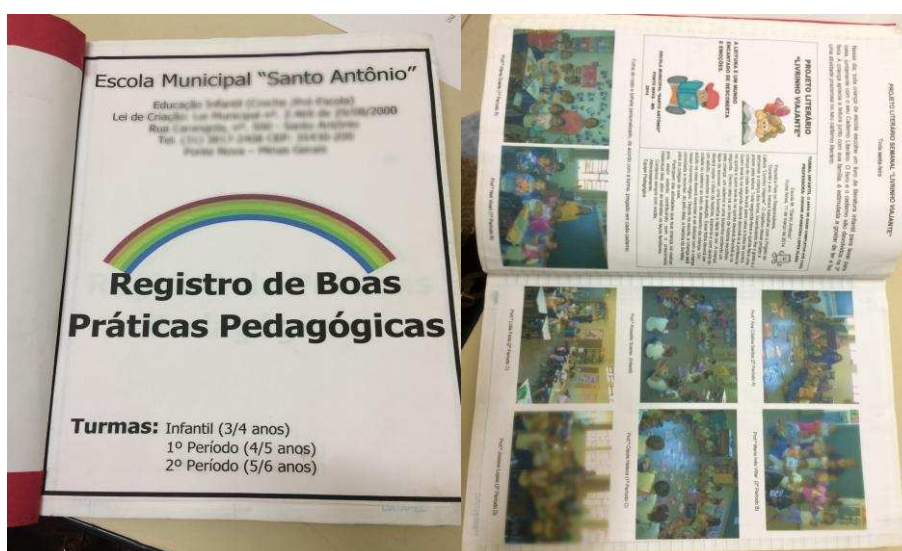
Comparando essas “boas práticas” com a ideia de disciplina de Foucault (1987), entendi que para se ter um bom resultado que seja digno de ser compartilhado com um grupo específico é necessário disciplina:

⁴⁰ Caderno que cada escola da rede municipal de Ponte Nova, MG, possui para registrar atividades feitas durante o período letivo.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 110)

Elas que manipulam, modelam, treinam, tornam o corpo hábil. Enfim, a disciplina cria corpos que não apresentam resistência ao modelo proposto ao qual eles devem adequar-se.

Dessa forma, as atividades descritas no “Caderno de Boas práticas” são atividades que não fugiram do esperado. Atividades que atenderam aos olhares que vigiavam e coordenavam os movimentos das escolas municipais de Ponte Nova.



Imagens 10 e 11 – Fotos do Caderno de Práticas Exitosas.

O processo da reunião em que os diretores apresentavam as “boas” práticas que deram certo na escola também era compreendido por Júlia como um momento de formação continuada, já que havia conversas e trocas de conhecimentos entre diretor@s, supervisor@s e professor@s, os quais poderiam aprender com os relatos práticas novas para levar às suas escolas. De acordo com Júlia, a SEMED sempre se preocupou com a formação por meio de trocas de experiências, em que todos os sujeitos escolares estivessem envolvidos, ou seja:

Nós sempre tivemos uma preocupação. Mesmo antes de 2014 de promover momentos de trocas de saberes, experiências... e, principalmente experiências exitosas. Então, nas reuniões pedagógicas, tanto do infantil quanto do fundamental, tinha esses espaços. Voluntariamente as escolas de inscreviam, antes da reunião que era agendada para vir dissertar pros colegas uma experiência exitosa (Júlia).

Júlia fala sobre suas experiências como acúmulo de conhecimentos e saberes que considera ser o que a levou ao cargo de Secretária de Educação. No contexto da escola e d@s professor@s municipais de Ponte Nova, esse acúmulo de experiência se torna importante para tornar funcionário da rede, uma vez que o tempo de serviço na área de Educação conta para obter contratos anuais e mensais nas escolas.

Essa importância de experiência e de seguir carreira fica explícita no texto a seguir, quando eu e Júlia falávamos de experiência profissional:

Eu falo que é um chavão essa frase..., mas eu vim do chão de fábrica. Eu fiz aquele magistério da década de 1980. Não fui imediatamente pra área de educação. Trabalhei em outras coisas. Então, quando a gente atende um professor, atende um supervisor, uma diretora, eu consigo, não querendo dizer que eu sou completa, mas eu consigo entender perfeitamente um anseio, uma angústia, o problema de cada um. Por que todos eu já vivi, né? (Júlia).

Carvalho (2011) diz que o saber da experiência nos torna disponíveis para novas outras experiências que nos provocam e nos convidam a conhecer coisas inovadoras. No caso da Júlia, o tempo de trabalho e a experiência na carreira contribuíram para que ela chegasse ao cargo comissionado de secretária de Educação.

No caso da SEMED, quando se trata da experiência que convida a conhecer coisas novas, a utilização da rede virtual para fazer conectar as experiências que antes eram circuladas por meio de informativos e cadernos de práticas pode ser considerada inovação, em que se utiliza da tecnologia a serviço de uma formação. Formação esta que, ao observar o “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”, parecia ser uma formação de práticas que deram certo e que poderiam ser publicadas nas redes.

4.2. O “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”

A informatização dos meios de divulgações de práticas aconteceu no ano 2014, com a criação do grupo virtual no *Facebook* “Educação Municipal em Rede –

Ponte Nova”, que era composto por 629 membros⁴¹. Entre estes @s professor@s e funcionários da rede municipal de Ponte Nova. Esse grupo é administrado por Júlia, pelo prefeito da gestão 2013-2016 por algumas funcionárias da SEMED que reconhecem e convidam para participar os sujeitos que possuem vínculo com a rede municipal da cidade:

Aí então a Joana teve essa ideia. Porque que a gente então não cria um grupo, onde que além de vir as reuniões representar, isso pode ser feito assim, em tempo muito mais real e muito mais elucidativo, com foto, com textos, vídeos, né? Então o objetivo era esse. Era principalmente esse: trocar experiências e divulgar também. Porque nós somos uma geração muito modesta, que a gente ainda não valorizava isso, tipo mostrar as coisas, de fazer as coisas serem visíveis. E hoje isso é fundamental. Isso cria confiança e credibilidade dos pais junto a instituição. Isso numa instituição incentiva a outra. Porque o ser humano tem essa questão. Não vou dizer nem que é de competição. Mas é de incentivo mesmo. Nó, fulano tá fazendo, tá lá e o pessoal curte, comenta, compartilha. Os pais ficam alucinados, né? E a partir daí as escolas começaram a ter seus perfis da escola. Eu não tenho medo de falar, de errar. Antes o grupo da rede não tinha isso, muitos poucas tinham. Hoje, praticamente todas tem os seus independentes. Elas postam lá e mandavam pra gente. Por que mandavam pra gente?... Porque ele não é aberto. Porque como ele tem somente essa característica positiva de incentivar, divulgar e trocar experiências. Se você faz aberto, você tá suscetível a interferências de desafetos políticos. Mesmo familiares. Naquele dia aconteceu um probleminha com a criança, a mãe tá chateada. Aí as vezes a escola posta lá uma coisa maravilhosa ... Não é que a gente não quer aceitar críticas, a gente aceita e tem o sistema de atendimento a população educacional. Mas aquele instrumento ali não era pra isso. Não era a finalidade do grupo (Júlia).

A narrativa da secretária da SEMED descreve a ideia do grupo de como e por que ele surgiu: para divulgar os trabalhos das escolas municipais, para troca de experiências e para incentivo ao docente. E mostra também como o grupo foi criado, com o intuito de apresentar somente o que acontece de positivo na rede municipal de ensino.

Seriam as “boas práticas”, desta vez, postadas e vigiadas em rede virtual em um grupo específico de funcionários da SEMED. De acordo com Foucault (1987), lugares determinados, como este grupo, “se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (p. 122). E o “Grupo Educação Municipal em Rede – PN” foi um espaço útil para apresentar as belas atividades que eram realizadas na rede municipal de ensino.

⁴¹ A informação sobre o número de membros é da data do dia 04/02/2016.

A importância de mostrar o belo na Internet remete ao que já foi discutido aqui sobre as máquinas de ver, no caso as redes sociais virtuais. E, nessas máquinas, o eu-imagem deve ser reativo ao olhar do outro. Sua autenticidade não mais se esconde por trás de signos a interpretar, mas se constitui no ato mesmo de se fazer ver pelo outro (BRUNO, 2013, p. 69).

E, ao observar as fotos no grupo e os comentários, é possível perceber que @s professor@s fazem os usos de curtidas e comentários enaltecendo os trabalhos postados. Entre curtidas e comentários, é possível encontrar o prefeito da cidade “passando por ali”, parabenizando os funcionários pelas atividades realizadas e se fazendo presente.

Os *prints* a seguir se referem ao desenrolar de um projeto de festival de dança com a temática “Sem preconceito”. O mesmo foi desenvolvido pela professora de Educação Física em uma escola da zona rural da rede que atende à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I. A música principal do festival era “Ninguém é igual a ninguém. Ainda bem”.

Grupos de crianças apresentaram ritmos baianos, *funks* e capoeira. Todas elas com roupas e fantasias. As fotos da culminância do projeto foram selecionadas e postadas no grupo virtual da SEMED para que os demais profissionais da rede municipal pudessem ver, curtir e comentar.



Imagens 12, 13, 14 – *Prints Screen* feitos do “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”.

Os comentários muito se assemelham ao que acontece em nossas páginas virtuais pessoais. É importante que haja muitas curtidas e muitos comentários. Mas o que se aprende com isso? Será esse um currículo híbrido em rede?

Júlia informou que no começo houve uma resistência dos funcionários em participar ativamente do grupo. Mas, com o trabalho de sensibilização e divulgação das atividades de cada funcionário, a participação entre eles foi crescendo, e cada escola foi criando autonomia para divulgar em sua própria página. Mesmo ainda existindo algumas pessoas resistentes às redes e ao grupo, a maioria das instituições escolares acabou internalizando a prática de postar para divulgar o que acontece no dia a dia escolar:

No começo houve uma resistência. É muito nosso, humano, essa questão do se mostrar. Primeiro a gente tem uma mania, uma modéstia negativa de achar que eu tô querendo aparecer, né?! Teve resistência. No início a gente tinha que... “gente, vocês têm que mandar, vocês não estão mandando”. Aí mandava recadinho assim separado pra quem não tava mandando. Então teve que fazer um trabalho de sensibilização muito grande no início. E até hoje tem pessoas muito resistentes. Unidades escolares muito resistentes. Se você pegar a lista de escolas e for fazer um *cheque-list* de 2014 pra cá, você vê que tem gente que vai aparecer menos de uma dezena de vezes, por exemplo. Ainda hoje há muita resistência. Mas a grosso modo isso foi facilmente ultrapassado. Depois nós passamos uma fase de ensiná-las a fazer o crivo. O que eu devo postar ou não. Não é se tá feio ou se tá errado. Não é isso. Mas o que que eu devo... Não é tudo que se faz numa escola que... Uma vez que você tá querendo socializar, é uma coisa que tem que vir a acrescentar. A gente teve essa fase também de correção, de cuidado, de qualidade de foto, de ortografia dos textos. Porque, afinal de contas, é uma página da educação. Então nós tivemos todas essas etapas com as meninas. Mas no final, todas não, mas a maioria participava. Hoje já internalizou. Mesmo com o grupo oculto, nas páginas delas, você pode ver na minha página pessoal que todo dia eu compartilho alguma coisa. Como na minha pessoal eu posso... Elas continuam tendo essa preocupação de realizar as coisas e registrar. E aí ampliou. Agora, por exemplo, hoje mesmo nós postamos uma escola que está melhorando o ambiente. Mas melhorando o ambiente para a finalidade pedagógica. Pintando o chão, pintando jogos no chão. Então assim, não é um trabalho do professor. É uma obra física. Mas tudo que diz respeito ao ambiente estar naquele lugar. Então, hoje tudo que elas fazem, já fazem com essa preocupação de registrar em enviar (Júlia).

Como é possível ver no relato anterior, essas postagens deveriam passar por observações e correções antes de serem compartilhadas em rede. Júlia definia o que era certo ou errado, feio ou bonito para ser postado ou descartado. A qualidade das fotos e os textos também eram importantes para compor cada postagem. Pensando sobre essa prática que enfatiza a dialética do bonito ou feio, percebi que o belo sempre prevalecia. E por um momento notei que eu, enquanto *peçoaprofessora*,

também realizava essa prática nas minhas postagens no *Facebook*. O belo sempre era mostrado, enquanto o que era errado e feio sob a minha ótica era descartado ou moldado para se tornar algo melhor.

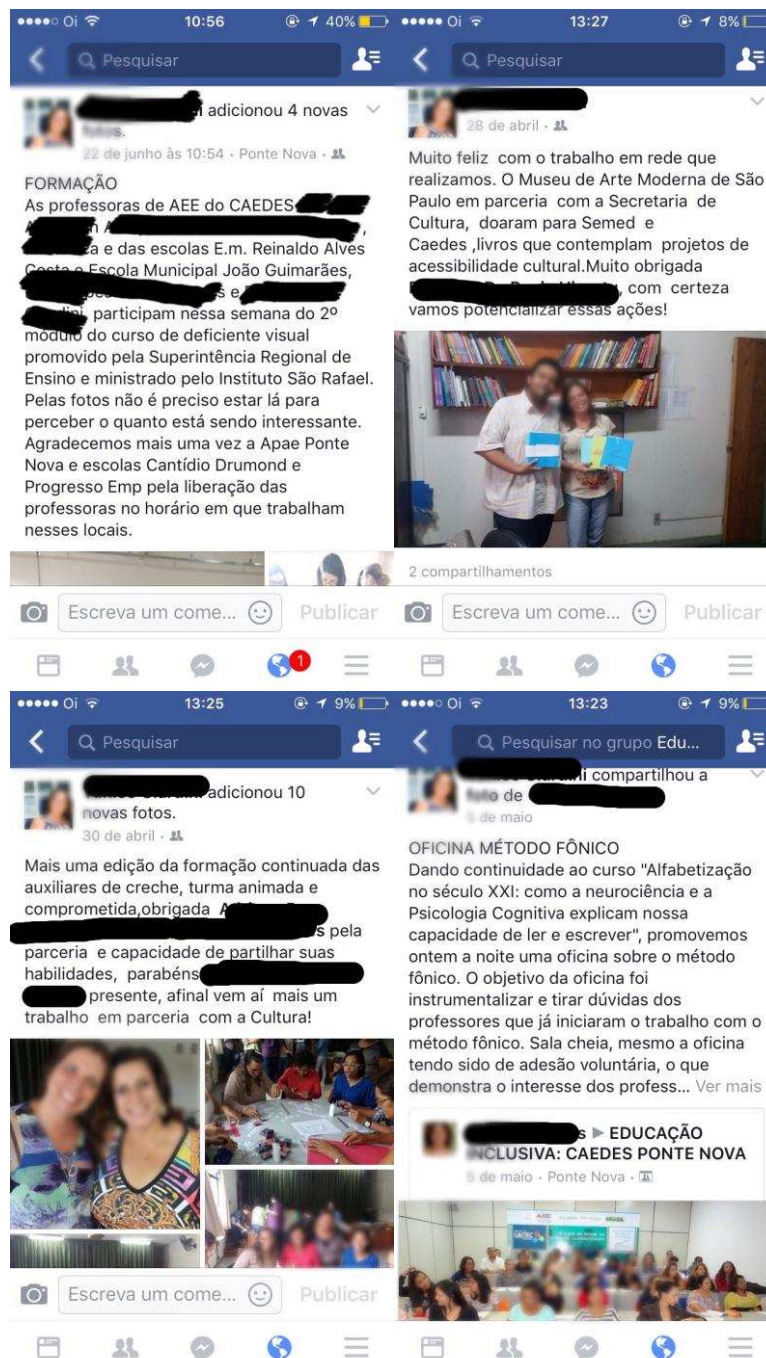
Esse grupo em que as “boas práticas” eram compartilhadas também era considerado por Júlia como um espaço de formação dos funcionários da rede. Em uma de nossas conversas, ela narra que, para ela, a formação continuada é autônoma e está em todos os lugares, fazendo, então, do “Educação Municipal em Rede – Ponte Nova” um lugar de formação, onde são publicadas informações, fotos, vídeos das atividades que contribuem para o desenvolvimento de todos os participantes.

Você acha que esse ambiente virtual pode ser considerado um meio de formação? (Rita).

Pode. Nós estamos numa era em que está tudo autônomo. Muitos estudos autônomos... A formação está em todos os lugares e é constante. Não tem jeito (Júlia).

Apesar de Júlia considerar o grupo do *Facebook* um espaço formativo, assim como vários espaços outros, informais, ela não descarta os espaços formais. Fato esse que pude constatar em um dos *prints* selecionados, no período em que acompanhei o grupo, quando iniciei a pesquisa. Nesses *print*, a SEMED ressalta a participação de professoras em cursos oferecidos pela Superintendência Regional de Ensino, como o curso sobre deficiência visual e o curso do método fônico, dos quais professoras da rede municipal participaram. Esse reconhecimento aparenta a satisfação da SEMED com a formação continuada d@s seus funcion@rios.

Os conteúdos postados fazem parte de processos de formação continuada que eram oferecidos de forma presencial para @s professor@s e a SEMED, não sendo esses organizados pela rede municipal. Não percebi no *Facebook* momentos para trocas de informações, debates e curiosidades sobre os conteúdos desses cursos, mas somente curtidas e felicitações. Neste caso específico, acredito que não há formação, mas informação sobre o lugar e o que aquele grupo de professor@s estava fazendo naqueles dias. Portanto, via rede virtual, parece que o ato de postar servia mais como atividade incentivadora do que formadora. Entretanto, ao ver, curtir e comentar, @s professor@s poderiam ser despertados para práticas que ainda não haviam pensado e buscar saber mais. É possível notar que o grupo “Educação Municipal em Rede – PN” não era mesmo “visto como lugar de problematizações e de críticas, mas, sim, como lugar de publicar o belo na rede” (Entrevista Júlia, 2016).



Imagens 15, 16, 17 e 18 – *Print Screen* do Grupo Educação Municipal em Rede – PN.

Ao acompanhar essas postagens do “Educação Municipal em Rede – PN”, comecei a refletir sobre a exposição dos participantes do grupo nas redes sociais que vigiam e são vigiados.

Conversando com Júlia a respeito da prática de vigiar e ser vigiada nas redes virtuais, ela me relatou quando isso acontece com ela. Principalmente por ela ser a mediadora e administradora do grupo “Educação Municipal em Rede – PN”, onde se encontram centenas de funcionários da prefeitura:

Eu sempre falo com as meninas: “Eu posso postar qualquer hora. Que é o meu trabalho, eu sou administradora do grupo. Vocês não! ”. Porque o pai pode olhar e falar: “Não, pera aí... essa professora do meu filho tá no horário da aula. Como ela pode tá postando?”. Então, sim. É vigilância e controle, sim.... Quando a gente vai à congressos, por exemplo. Ninguém é de ferro! Você fica no congresso de 8:00 às 18:00. Aí se você resolve ir no hotel, tomar um banho e sair... e posta uma foto no shopping pra você ver... “A lá, tá passeando com dinheiro público”. Não sabe que você passou um dia inteiro estudando, por exemplo. Então a gente tem que ter um cuidado danado... Pra mim, Rita, a parte mais negativa da rede social é essa (Júlia).

Pela fala de Júlia, é possível notar que a vigilância sofrida por ela em rede não é vista como algo positivo. Muitas vezes, ela toma cuidado e pensa antes de fazer qualquer publicação no *Facebook*, já que é uma pessoa pública e está sendo “observada” tanto por seus superiores quanto pelos funcionários da Secretaria que ela administra.

Visto essa forma do “olhar” pela e para as pessoas nas redes sociais, é possível perceber que a vigilância contemporânea não é mais feita de forma hierárquica como era feita na estrutura arquitetônica “Panóptico” na modernidade, em que prisioneiros, doentes e loucos eram vigiados e controlados desde o século XIX até meados do século XX. Nessa época, os sujeitos observados não percebiam que estavam sendo vistos constantemente:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 1987, p. 165-166).

O efeito mais importante do Panóptico é induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder (FOUCAULT, 1987, p. 166). Vale ressaltar que esse sistema arquitetural de vigilância formulado por Bentham não fora de uso exclusivo das penitenciárias,

tendo sido adotado para manicômios, oficinas de trabalho e instituições educacionais. Nessa maquinaria hierárquica, os olhares eram cuidadosamente ordenados, e os meios de coerção e punição eram claramente visíveis sobre os vigiados.

Diferente dessa forma de vigilância feito por poucos e para muitos, a vigilância que acontece em rede nos dias atuais é distribuída e está cada vez mais ubíqua e incorporada aos dispositivos tecnológicos (BRUNO, 2013).

Se os dispositivos de visibilidade modernos escavavam uma subjetividade interiorizada que, a partir do olhar do outro, instaurava a autovigilância, hoje parece estar se constituindo uma subjetividade exteriorizada, em que as esferas de cuidado e controle de si fazem na exposição pública, no alcance do olhar, escrutínio ou conhecimento do outro (BRUNO, 2013, p. 67-68).

A autoimagem torna-se muito importante nessas máquinas de ver e ser visto, e as pessoas se preocupam mais com o que o outro vai pensar. A íntima relação entre existir, ver e ser visto é explicitada na quantidade de curtidas⁴² e comentários que as pessoas fazem no *Facebook*, por exemplo. Os leitores e espectadores dessas redes participam ativamente da produção e composição da imagem que o autor constitui para si e para os outros (BRUNO, 2013). Dessa forma, o sujeito que quer ser visto se preocupa em sempre se expor de forma bela e feliz, já que “neste jogo, a verdade é o que se mostra” (BRUNO, 2013, p. 70).

Nas minhas máquinas de ver e ser vista não só no *Facebook*, mas também em outros *sites* e aplicativos que fazem manutenção de redes sociais, que é o caso do *Instagram* e do *Snapchat*, sempre busco publicar as minhas fotos mais bonitas, o trabalho que deu certo na escola, a participação em palestras, a qualificação do mestrado. Afinal, assim como afirma Bruno (2013), eu quero ver e ser vista de uma forma bela e feliz.

Há quem faça publicações de quando estão com algumas dificuldades e doentes, como eu vejo em algumas publicações dos meus amigos no *Facebook*, mas esse tipo de uso não é o meu caso e nem o da secretária Júlia, que sempre busca publicar nas suas redes e no grupo “Educação Municipal em Rede – PN” trabalhos bem feitos e que fizeram sucesso na rede municipal:

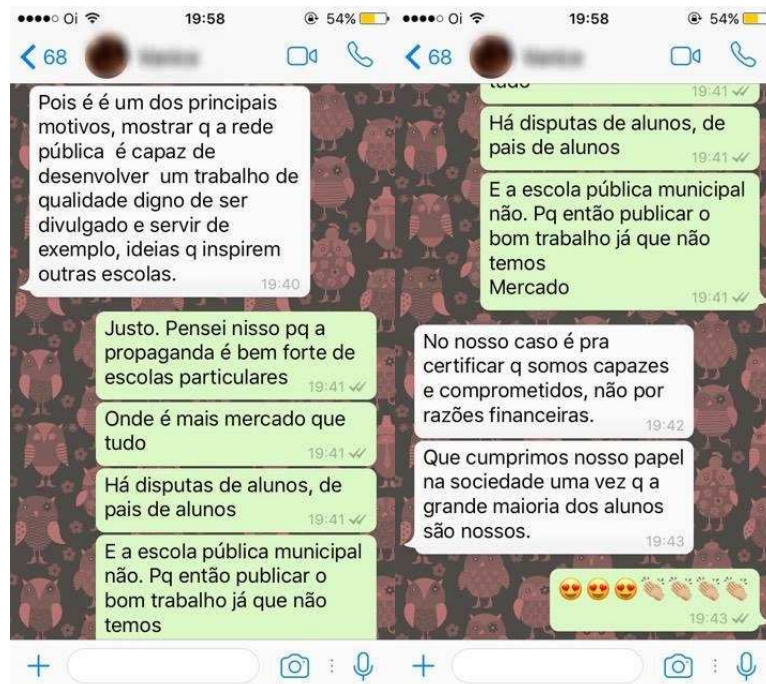
⁴² “Curtir” ou dar “likes” é uma prática do *Facebook* que as pessoas fazem quando clicam em um botão específico que acompanha as postagens na rede.

Se tem foto de cartaz mal feito, com erro... não... telefone e falo: Fulano, dá uma olhada no que vocês estão fotografando aí. Dá uma olhada nisso aí (Júlia).

O grupo tem somente essa característica positiva de incentivar, divulgar e trocar experiências (Júlia).

Por meio dessas duas falas de Júlia, é possível notar a importância de mostrar o belo na Internet. Por ser administradora e mediadora do grupo virtual do *Facebook*, ela observa todas as fotos, textos e vídeos antes de serem expostos para que todos os integrantes vejam. Segundo ela, é muito importante que não haja erros de português nem fotos que comprometam o trabalho das escolas e da Secretaria Municipal de Educação, que parece se preocupar e zelar pela formação e exposição de seus funcionários.

Ao observar a forma preocupada que Júlia falava do grupo sobre as boas postagens, questionei-me qual seria o propósito dela em se preocupar tanto em mostrar nas redes virtuais o trabalho da rede municipal, já que esta era pública e não dependia de propaganda para atrair mais alunos e, conseqüentemente, mais valores de mensalidades. Com isso, questionei a ela, por meio do *Whatsapp* em uma conversa informal, sobre minha dúvida que daria mais um sentido para a continuação desta dissertação.



Imagens 19 e 20 – *Print Screen* de conversas minhas e da participante pesquisada Júlia no aplicativo *Whatsapp*.

Como é possível perceber nesses *prints*, a conversa que tive com Júlia foi bem informal, contendo erros de concordância, pontuação, digitação e abreviatura de palavras. Nessa conversa informal, Júlia produz uma imagem da rede pública de ensino como uma instituição bem qualificada e comprometida com a educação.

Com esses questionamentos, Júlia alegou a importância de mostrar comprometimento com o que é público e que existe qualidade no ensino municipal da região. E ela, assim como dito no segundo *print* da conversa, não tem essa visão apenas como secretária, mas como professora da rede municipal mesmo antes de ser secretária da gestão 2013-2016.

Colocando-me como sujeita da pesquisa, resalto que também utilizo o *Facebook* da escola estadual em que trabalho e faço publicações mostrando o que há de bom para os nossos alunos. Mesmo não sendo exigência da Superintendência Regional de Ensino de Ponte Nova⁴³, a escola onde trabalho optou por publicar no *Facebook* fotos, atividades, vídeos e informes para manter @s alun@s, professor@s e comunidade conectados. Além disso, publicamos vagas quando são abertas turmas de “Educação de Jovens e Adultos” para que assim a escola possa sempre estar com turmas cheias e em constante funcionamento.

Dessa forma, questiono-me se, além de divulgar o que é belo na educação pública, isso serve para enaltecer o trabalho dos docentes e mostrar comprometimento com o que é público; também, não tem a finalidade de manutenção de alunos e verbas que vêm para as escolas públicas que dependem dessa manutenção.

– Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo

– Diário de bordo – A multiplicação das redes

O importante é seguir as redes, e elas se compõem a todo instante⁴⁴.

No caminho da pesquisa, o grupo virtual que era o meu fio condutor se rompeu. No dia 28 de junho de 2016, a secretária Júlia me informou que o grupo “Educação Municipal em Rede – PN” sairia do ar no dia 2 de julho, voltando após o

⁴³ O objetivo das Superintendências de Ensino é manter a organização do trabalho administrativo e pedagógico das escolas estaduais. O *site* da Superintendência citada se encontra em: <<http://srepontenova.educacao.mg.gov.br>>.

⁴⁴ Esta citação foi escrita por mim inspirada nos meus momentos da pausa para o respirar.

término das eleições municipais. Isso seria um cumprimento da Lei Eleitoral nº 9.504/1997:

Art. 73. São proibidas aos agentes públicos, servidores ou não, as seguintes condutas tendentes a afetar a igualdade de oportunidades entre candidatos nos pleitos eleitorais:

VI - nos três meses que antecedem o pleito:

b) com exceção da propaganda de produtos e serviços que tenham concorrência no mercado, autorizar publicidade institucional dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos federais, estaduais ou municipais, ou das respectivas entidades da administração indireta, salvo em caso de grave e urgente necessidade pública, assim reconhecida pela Justiça Eleitoral (BRASIL, 1997).

O motivo da ocultação do grupo, de acordo com a funcionária responsável, se dá pelo fato de se tratar de um trabalho feito durante a gestão municipal atual. Segundo Júlia, o grupo poderia ser visto como um meio de propaganda política, já que eram compartilhados ali trabalhos feitos por funcionários da prefeitura, que eram também cidadãos eleitores.

De acordo com Ferraço e Gomes (2013), políticas envolvidas com a Educação são reformadas e reformuladas em nosso País, Estados e Municípios pelo menos de quatro em quatro anos. Essas mudanças “entrecruzam-se com as vidas dos professores produzindo efeitos sobre elas, mas, em muitos momentos, parecem se esquecer desses embates...” (p. 467).

Depois de ser informada da ocultação do grupo, objeto norteador da minha pesquisa, o desespero por ter que iniciar um novo projeto começou a surgir. Depois de tanto tempo falando de redes sociais, desde o trabalho de conclusão do curso, e por já existir uma ideia sobre o grupo “Educação Municipal em Rede – PN”, seria difícil pensar em outra pesquisa em tão pouco tempo.

Para não pensar sozinha na solução desse problema, usei a minha rede social no *Facebook* para me comunicar com a orientadora da pesquisa e com um professor participante da banca de qualificação. Expus o problema a eles em busca de ajuda e fui criando as minhas redes de relações para a pesquisa que se tecia.

Percebi, então, que nem tudo estava perdido. Por ser um grupo virtual, haveria a possibilidade de trabalhar com *Prints* das publicações já feitas, desde a primeira, em 2014. Durante todo esse tempo de existência do grupo, eu poderia seguir as publicações que me levariam aos funcionári@s e professor@s participantes, com os quais eu poderia ter contato por meio do *Facebook* e também pessoalmente.

Além disso, a desativação do grupo virtual no período eleitoral me instigou a pensar como a mídia social *Facebook* possui papel político, de vigilância e controle da sociedade. E isso foi uma das minhas perguntas nas entrevistas que nortearam esta dissertação.

Após o seguir das redes por meio dos *Prints* e da entrevista com Júlia, pude chegar ao meu próximo local para seguir as redes da pesquisa.

Sobre essas funcionárias que participam mais ou menos... Você lembra de nome assim, alguns funcionários as escolas que você acha que participou mais, que te manda mais “inbox” (Rita).

Eu acho que a Talita⁴⁵ da escola “A” com as funcionárias dela, são frenéticas, são muito entusiasmadas. A Thaís da “B”. A Helô da “C” é muito entusiasmada. A Tania da “D”, é ... O Renato depois pegou no tranco, mais timidamente... Recentemente divulga muita coisa também. O Luiz do “F” também (Júlia).

E foi a partir desses nomes citados por Júlia que comecei a procurar nas redes do grupo virtual da Secretaria Municipal de Educação quais seriam os próximos fios a serem seguidos para eu compor esta pesquisa.

A escola escolhida para continuar esta pesquisa atendeu às “boas práticas” determinadas pela SEMED. Quem sabe teria sido mais desafiador ter seguido uma escola que não cumprisse com as normas estabelecidas! Mas o medo do que eu poderia encontrar me fez também ser uma participante do que é correto e belo. Talvez eu também seja uma cumpridora e vigilante de “boas práticas. Talvez, talvez, talvez...

⁴⁵ Os nomes citados nessa fala da Secretária de Educação são todos fictícios, para preservar a imagem da escola e dos funcionários.

CAPÍTULO 5

– Pela rede se fazem outras redes: o *Facebook* da Escola Municipal Santo Antônio

Pensar nos usos que as docentes fazem das suas redes sociais virtuais é pensar em rizomas e redes cotidianas que se tecem, conectam e afetam professor@s, alun@s e demais sujeit@s que vivem no *dentrofora* das escolas e nos ambientes virtuais. E foi por meio da rede virtual *Facebook* que fui me encontrando com os sujeitos desta pesquisa, criando novos contatos, conversas e aprendizagens.

Neste capítulo são narradas as redes que se tecem no dentro/fora do *Facebook* e de uma escola, à qual foi possível chegar por meio do grupo virtual pesquisado.

Foi seguindo o grupo “Educação Municipal em Rede – PN” e os *Prints* feitos nos meses de junho e julho que chegamos até a escola “Santo Antônio”, pelo fato de esta apresentar mais publicações no tempo determinado para a pesquisa perfil no *Facebook* ativo com postagens consecutivas e atualizadas.

As imagens mostradas são recortes feitos no grupo “Educação Municipal em Rede – PN”, nos meses de junho e julho, antes de o grupo ser ocultado. Elas se referem aos trabalhos realizados pela Escola Municipal Santo Antônio, que foram selecionados para publicação. Observei que, entre os *prints* feitos por mim, realmente foi essa escola a que mais teve publicações nesses meses, fato que apontava para a importância em visitá-la não só virtual, mas também fisicamente.

Dessa forma, a EMSA, da rede municipal de Ponte Nova, tornou-se um caminho a ser seguido nesta pesquisa.





Imagens 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27 – *Print Screen* da página do grupo “Educação Municipal em Rede – PN”.

5.1. Escola Municipal Santo Antônio: narrando meus encontros e os fios se conectando

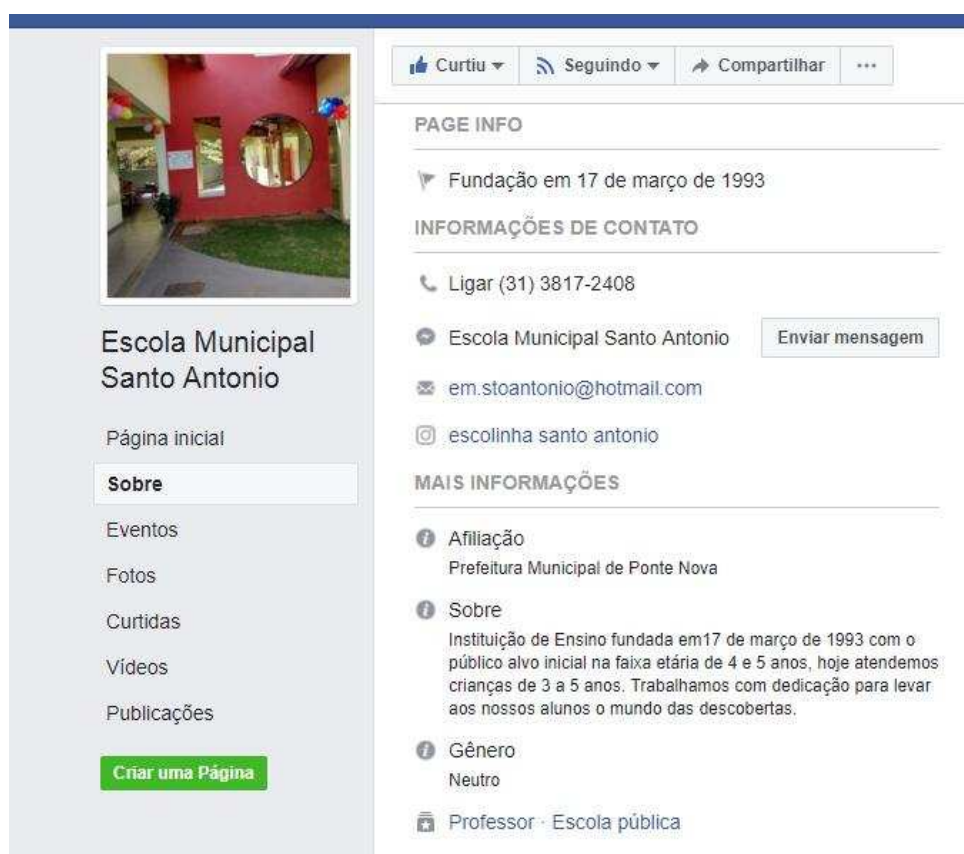


Imagem 28 – *Print Screen* da página do Facebook da Escola Municipal Santo Antônio.

Para descrever os fios que se conectaram com a minha chegada à Escola Municipal Santo Antônio (EMSA), farei uso da autonarrativa, que, segundo Souza (2011), remete o sujeito para uma dimensão de autoescuta de si mesmo, como se estivesse contando para si suas experiências e as aprendizagens construídas ao longo da vida, através do conhecimento de si (SOUZA, 2001, p. 80):

Dessa forma, a escrita da narrativa congrega e carrega experiências diferentes e diversas, através das próprias escolhas, das dinâmicas e singularidades de cada vida. A construção da escrita do texto narrativo surge da dialética paradoxal entre o vivido – passado -, as projeções do futuro, mas se potencializa nos questionamentos do presente em função da “aprendizagem experiencial”, através da junção do saber-fazer e dos

conhecimentos como possibilidade de transformação e autotransformação do próprio sujeito (SOUZA, 2001, p. 82).

Para chegar à EMSA, instituição situada no Bairro Santo Antônio, próximo ao Centro Comercial de Ponte Nova, MG, fiz o meu primeiro contato com a sua página virtual no *Facebook*. Essa página, mostrada na imagem 28, contém informações sobre o dia e o ano em que foi fundada, 17 de março de 1993; o público-alvo; o *e-mail* e o telefone para contato; e fotos e vídeos de atividades realizadas pelos professores e alunos. E foi por meio das informações expostas no *Facebook* que cheguei à diretora, aqui chamada de Thaís.

O meu contato com Thaís, além de profissional e acadêmico, foi bem informal e afetivo. Chegando ao seu encontro, descobri que ela era uma mulher de 47 anos, parda, olhos arredondados e verdes. Descobri que foi aluna da minha avó materna, que era professora leiga. Minha avó, além de se dedicar à educação de todos os seus 12 filhos, foi professora de outras crianças da região de Palmeiras de Fora, distrito de Acaiaca, MG, local onde reside até hoje. Thaís transformou-se em uma grande companheira para a vida, fazendo-se presente durante e após a pesquisa, como no falecimento de minha mãe no final do ano 2016. Ela sempre se mostrou disposta a ajudar e a conversar nas nossas redes sociais virtuais particulares.

No dia 15 de setembro de 2016, às 8 h, cheguei à EMSA para conversar formalmente com Thaís. Ela havia sido citada pela secretária de Educação por ser um dos diretores que mais usavam o grupo “Educação Municipal em Rede”. Enquanto esperava o diretor, observei o espaço físico da escola e a aula de Educação Física que estava acontecendo no pátio.

No mesmo momento em que observava, pude conversar com uma professora, que tinha três anos de Rede Municipal de Ensino. Ela me relatou que todas as crianças da Educação Infantil do município de Ponte Nova tinham quatro aulas de Educação Física por semana, desde o ano 2014. E que as aulas tinham momentos de alongamento; circuito em que os alunos trabalhavam suas habilidades motoras e físicas; e um momento de brincadeira livre. Além de observar que a fala dela condizia com a aula do dia, notei também o cuidado que a professora tinha com as crianças. Naquele dia, observei a professora ensinando os alunos a amarrarem os cadarços, a se limparem quando se sujavam e a se levantarem quando precisavam.

Assim que terminou a aula que eu estava observando enquanto esperava, a diretora me recebeu. Apresentei-me a ela e à supervisora a ideia da pesquisa. Elas se

mostraram interessadas, mas inseguras pelo receio de não saberem o que responder na entrevista.

Expliquei que seriam conversas e, com a gravação, eu poderia me atentar mais às informações. Após muito papo sobre a vida na escola, o dia a dia do professor, os problemas que encontramos hoje com alunos que não cumprem as normas escolares, questões salariais etc., marcamos a entrevista para uma semana depois.

Em 23 de setembro de 2016, realizei a entrevista com Thaís. Uma conversa com oito perguntas, que se estendeu por 20 minutos.

Nessa entrevista havia perguntas sobre o que Thaís pensava a respeito da Educação, sobre a Formação de Professor@s, Internet e sobre o Grupo Educação Municipal em Rede – PN.

Sobre a formação de professor@s, Thaís descreveu sobre a importância de se formar diariamente:

A formação é muito necessária. E a formação continuada é feita todos os dias. A gente tá todos os dias fazendo essa formação. Mas é... Em cursos, em programas... Tem tantos meios da gente tá se formando. E cada dia tem uma novidade. Então assim, a gente não pode ficar estático. A gente não pode ficar parado. Pensando assim, já me formei, acabou, já sou professor. Não. Todo dia tem coisa nova, todo dia tem coisa assim... surpreendente. E a gente precisa aprender. A gente aprende. A gente faz a formação continuada até mesmo com os alunos. Eles ensinam pra gente muitas coisas. E todo dia a educação tá remodelando. A gente precisa tá se atualizando mesmo (Thaís).

Como ela mesma citou, há diversas maneiras de estar se formando não só em cursos, mas no momento do ensino-aprendizagem com os alunos e também se atualizando diariamente. E essa palavra atualização me remeteu à palavra Internet, e, já que esse era o caminho da pesquisa, não poderia deixar de perguntar como ela passou a usar a internet e se teve dificuldades:

... Aí, senti muita dificuldade. Mas muita mesmo. Ainda mais que quando eu comecei na internet, eu já trabalhava há muitos anos sem acesso a ela. E assim, apesar dela ter vindo surgindo aos poucos mas quando ela veio de estalo, **imediatamente a gente tinha que usar**. Então assim, eu **tinha pouquíssimo conhecimento**. Aí **a necessidade foi me fazendo formar sozinha**, correr atrás de cursos. E pra ela ser bem utilizada. **A gente aproveita muito do que tem na internet**. A gente também passa informação, né?! Então assim... Pra usar de imediato foi muito difícil. E até hoje a gente tem algumas dificuldades ainda. Como já tem necessidade. E a gente precisa mesmo usar, a gente vai correndo atrás e vai tentando (Thaís – grifos meus).

Trechos da narrativa de Thaís mostram que o uso da internet foi algo necessário, uma vez que o sistema escolar passou a ser informatizado. Ela ainda considera o seu uso como formação, bem como um “lugar” de buscar conhecimento. “A gente vai correndo atrás e vai tentando!”. Esta frase narrada por Thaís me remeteu às tantas professoras com quem convivi e convivo diariamente, que tiveram a sua formação no curso Normal Superior há alguns anos e que, para poder permanecer no mercado de trabalho da Educação, tiveram que fazer graduação a distância e *on-line*. E para isso tiveram que aprender, querendo ou não, a manusear dispositivos eletrônicos.

Além da formação, essas professoras também tiveram que continuar um aperfeiçoamento para acompanhar os alunos que chegavam às escolas já sabendo usar computadores, celulares e outras mídias sociais, como o *Facebook*, que é o foco desta pesquisa. Assim, perguntei sobre as redes sociais, a necessidade pelo seu uso e as motivações dela para estar utilizando o *Facebook*.

... Ó, muitas vezes a gente pensa que é só entretenimento, mas não é! É informação. A gente busca aprendizado mesmo. Contato com as pessoas... A gente une o mundo. O mundo tá ali dentro, né?! A gente não tem como fugir mais dessas redes sociais. Não tem como. *Facebook*, *Whatsapp*... Então, assim, tudo que tá ligado a internet hoje, não tem como fugir. A gente fica de pés e mãos atadas sem isso, né?! Então assim, é muito importante. Por exemplo o *Facebook*. O *Facebook* me liga a minha família num piscar de olhos. Tanta gente pra tudo enquanto é lado, rapidinho a gente tá unido. A gente quer fazer uma homenagem pra alguém, rapidinho a gente coloca no *Facebook* e a pessoa recebe. Então é um meio muito rápido. Um meio super veloz de ligar as pessoas! É importantíssimo! Não tem como tá fugindo hoje em dia mais (Thaís).

Foi após essa fala de Thaís que me atentei para o fato de que ela, assim como eu, fazia o uso do *Facebook* não apenas como forma de entretenimento, mas também como meio informacional. No meu caso, os meus usos para informação e aprendizagem se dão por meio de conexão com páginas relacionadas à Educação, escolas e professor@s que possam me ajudar no dia a dia na escola e no mestrado.

No momento da pesquisa, para seguir as redes que Thaís tecia, comecei a fazer o meu uso como observadora para não perder as movimentações que ela fazia em sua página virtual e também no “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”, que, mesmo oculto, servia para ajudar a compreender, a partir do olhar das demais participantes da pesquisa, se o *Facebook* era um meio de formação continuada. Para isso, questionei sobre o que ela achava do grupo virtual:

Esse grupo é muito bacana. Muito legal porque é um momento que a gente tem de interagir com o outro, de levar aquilo que a gente tem de informação para outras pessoas, pra rede toda. E também colher pra gente. A gente vê tanta riqueza das escolas que postam. Então assim, é fantástico. E a gente ali incentiva o outro porque a gente recebe elogios, a gente elogia o trabalho do outro. A gente posta um trabalho que às vezes ninguém pensava em fazer e aí a pessoa quer copiar aquele trabalho pra fazer também. Como a gente pega de outros. Eu acho muito interessante que tem trabalho que você pega ele desde o início e vai até a culminância daquele trabalho. Por quê? Porque viu tudo na rede. É muito legal. Muito bacana” (Thaís).

Assim como a secretária Júlia tinha dito sobre compartilhar o que é belo e receber os elogios na rede virtual, Thaís também relatou sobre esse ponto. E, ao observar a movimentação da página no *Facebook* da EMSA, pude confirmar a sua fala, pois todas as imagens compartilhadas se apresentavam convidativas e alegres, como é mostrado nas imagens a seguir... com alunos participantes, professoras contando histórias, momentos de brincadeiras e pinturas.



Imagem 29 – Fotos retiradas da página virtual da EMSA.



Imagem 30 – Fotos retiradas da página virtual da EMSA.

Por fim, para saber quais fios me levariam para o seguir da pesquisa, Thaís citou o nome de três professoras que se dedicavam mais em fazer trabalhos diferenciados e se preocupavam em fotografar e publicar no *Facebook*. Dessa forma, pude marcar mais visitas à escola, só que dessa vez iria observar o trabalho das professoras, para ver o entre, ou seja, o eu antecedia as postagens no *Facebook*.





Imagens 31, 32, 33, 34, 35 e 36 – *Print Screen* da página virtual da EMSA.

As imagens anteriores são capturas feitas da página virtual da Escola Municipal Santo Antônio. Segundo a diretora e de acordo com os *prints*, entre outros não colocados aqui, essas foram as que mais tiveram os trabalhos divulgados. As imagens 8 e 9 são da professora Laís, do 1º Período C; as 10 e 11, da professora

Isabela, da Educação Física, a mesma que observei e com a qual conversei; e as 12 e 13, da professora Riane, do 1º Período A.

Como o pátio era central e dava acesso à porta de todas as salas, preferi observar o movimento das professoras e da escola por ele, já que as crianças que estavam em sala de aula tinham de 3 a 5 anos de idade e não eram participantes diretas da pesquisa.

Na imagem a seguir é possível ver a estrutura do pátio da EMSA que dá acesso às salas de aula, à cantina e à sala administrativa, que é composta pela Diretoria, sala da Supervisão e sala d@s professor@s. Por ser uma escola de Educação Infantil, os mobiliários eram pequenos e as paredes, coloridas e enfeitadas.



Imagem 37 – Foto tirada do pátio da EMSA.

As semanas de observação foram todas voltadas para a culminância do projeto Feira Cultural, que tinha como tema “Ponte Nova 150 anos”. E com isso pude observar nas salas d@s professor@s, por meio de conversas entre elas, que as docentes tiveram que pesquisar sobre o tema, confeccionar cartazes, ensaiar danças e procurar poemas de autores da região.

Foram dias movimentados, que muitas vezes me impediram de marcar a entrevista individual com as docentes participantes. Enquanto isso, pude observar e participar das conversas que elas tinham durante os intervalos e nas aulas.

Para realizar esse projeto, as professoras pesquisaram em casa a história de Ponte Nova, conhecida como “Princesinha da Mata”⁴⁶. E também a biografia dos renomados cantores, poetas e artistas da cidade, como João Bosco Mucci⁴⁷, Tunai⁴⁸ e Laene Teixeira Mucci⁴⁹. Eles também fizeram pesquisa sobre o Pontilhão de Ferro, cartão postal da cidade, que tinha acabado de ser restaurado. Tudo isso foi feito para aprender e ensinar junto com seus alunos até chegar o momento da apresentação.

Além de pesquisar em casa, as professoras, juntamente com a diretora e a supervisora, tinham seus momentos de encontros e conversas sobre o projeto. Era na sala das professoras que eles confirmavam algumas informações que tinham pesquisado, trocavam ideias do que poderiam fazer na apresentação e também confeccionavam materiais para o grande dia.

Durante o tempo que fiquei na escola, observei como esta é atravessada por afetos da vida cotidiana das pessoas que a vivem. Relato no parágrafo subsequente, entre os fatos observados, um que me sensibilizou bastante.

Certa mãe com a filha de 5 anos, aluna daquela instituição, após uma consulta ao médico do Posto de Saúde mais próximo, passou na escola e pediu para deixar a sua filha lá enquanto fosse buscar a medicação receitada na farmácia popular. Mas a mulher não apresentava estar bem. Com isso, a diretora e eu oferecemos-lhe água e ficamos abanando-a até que apresentasse melhora. Nesse meio tempo, a criança foi levada para se alimentar na cantina. Pude observar quanto a diretora conhecia a realidade daquela família. Ela sabia sobre as condições financeiras, os remédios controlados que aquela mãe tomava e a saúde precária da filha.

Thaís contou-me, depois, que aquela mulher apresentava problemas neurológicos e tomava seus remédios de forma irregular, já que não sabia ler e era o irmão quem tomava conta da casa, mas ficava a maior parte do tempo trabalhando

⁴⁶ Os empreendimentos açucareiros chegaram a representar quase 90% da renda no ano 1925. Ponte Nova era considerada uma das cidades mais prósperas de Minas Gerais e havia se tornado “um verdadeiro canteiro de obras”, ficando conhecida como a Princesinha da Zona da Mata. O apelido foi dado pelos próprios habitantes locais, a fim de enaltecer a cidade pelo bom momento em que se encontrava (ALBUQUERQUE, Bárbara, 2014, p. 25).

⁴⁷ Mineiro de Ponte Nova, João Bosco foi influenciado pelo *jazz* e pela Bossa Nova, mas a sua identidade musical está impregnada de diversos outros gêneros, fundamentais ao sincretismo da música brasileira (CUNHA, Janaína, 2016, p. 45).

⁴⁸ Mineiro de Ponte Nova, José Antônio de Freitas Mucci, o Tunai, ganhou fama em 1984, quando o *Hit Frisson* foi tema da novela “Suave Veneno” (CUNHA, Janaína, 2016, p. 45).

⁴⁹ Laene Teixeira Mucci é poetisa nascida na cidade de Ponte Nova. Também atuou como professora de Português e Francês na sua cidade.

fora. Muitas vezes, quem ajudava eram os funcionários da escola e os vizinhos que conheciam a situação.

Para que a mulher se acalmasse ainda mais, a diretora, pessoa religiosa e católica, como pude observar em seu *Facebook*, começou a fazer orações sobre a cabeça da senhora. Ela acreditava que aqueles incômodos poderiam também estar ligados à falta de fé. Enquanto Thaís rezava⁵⁰, a mãe fechava os olhos, as mãos e se retorcia reclamando de calor e dor.

Depois de muita água, abanos, rezas e impressões fortes da minha parte, peguei-me, por um instante, emocionada com tudo que tinha acontecido. Percebi que a profissão de professor, diretor e de qualquer servidor ligado à Educação vai muito além dos muros escolares. O ser professor@ é um rizoma que vai se conectando e formando redes. Nós vamos ligando os nossos fios e nos transformando de maneiras diferentes todos os dias...

(...)Respirei, a mãe se recompôs e foi embora em busca do remédio de sua filha. E assim continuava a preparação para a feira cultural.

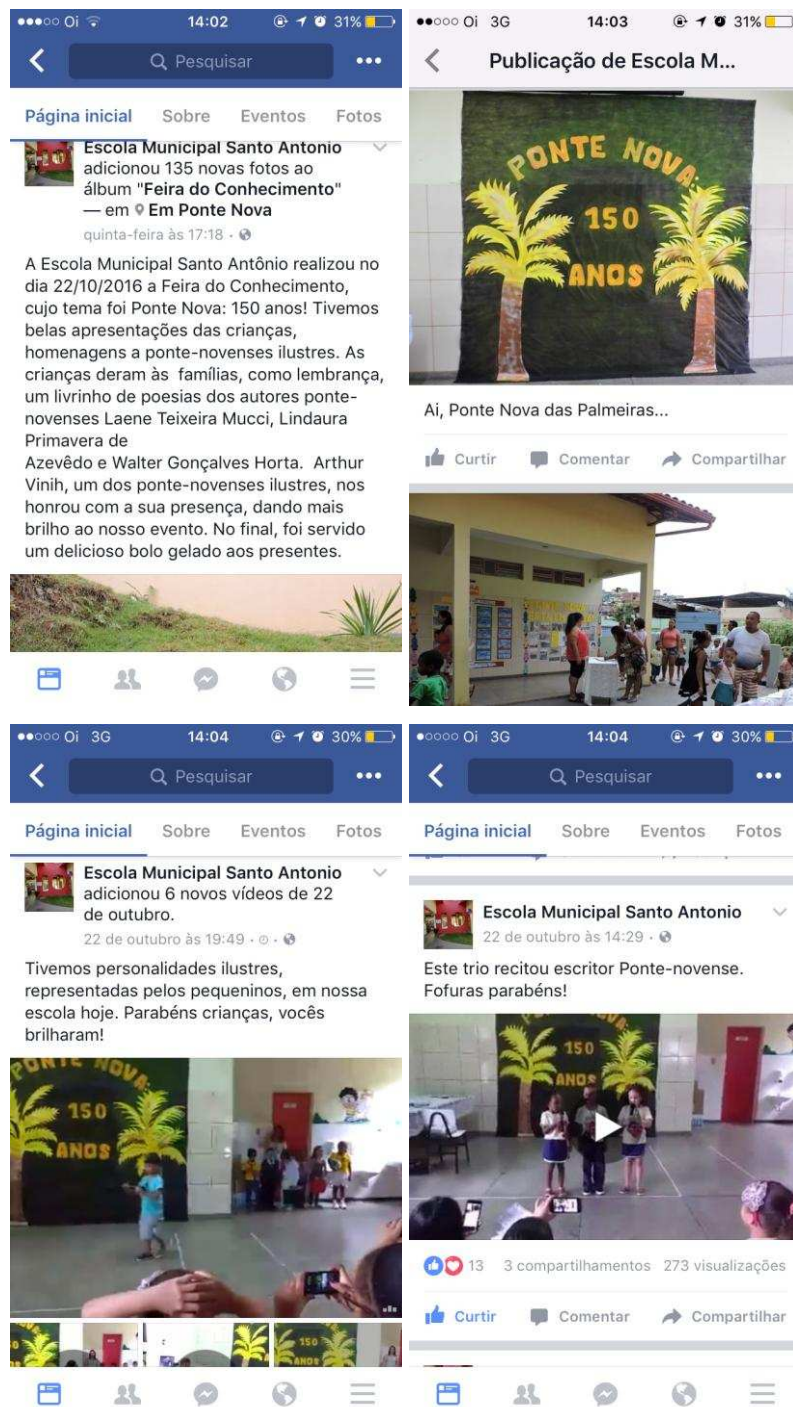
(...)

Após dias de declamações de poesias, aprendizagens sobre a cidade e também ensaios da música “Eu Sou Negão”⁵¹, do jovem cantor Arthur Vinih, o dia da culminância chegou. Foi no dia 22 de setembro que o trabalho planejado e feito por dias pôde ser apresentado para toda a comunidade.

Como eu também participaria da Feira Cultural da escola em que trabalho, não pude comparecer na feira da EMSA. Mas ainda bem que tudo foi filmado, fotografado e publicado no *Facebook* da escola.

⁵⁰ Mesmo a escola pública sendo laica com crianças de diferentes crenças, religiões e até mesmo ateus, a oração ainda é uma prática em diversas escolas públicas. Esta prática não pode passar despercebida justamente em um momento em que vivemos uma forte tensão no que se refere a políticas como o discurso do movimento “Escola Sem Partido”, que, entre outras coisas, tem penetrado em várias instâncias da sociedade civil, grupos religiosos e não religiosos.

⁵¹ A música “Eu Sou Negão” foi escolhida para apresentação da feira por ser de autoria do músico ponte-novense Arthur Vinih. A música retrata de forma enaltecadora as características do cabelo crespo. *Clip* musical disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uPS9hg5nmm4>>.



Imagens 38,39, 40, 41 – *Print Screen* da página virtual da EMSA.

Na segunda-feira, 24 de setembro, após a amostra cultural, a diretora Thaís também me relatou, por meio de conversas informais, tudo que aconteceu no dia da feira. Além das apresentações, o cantor Arthur Vinih, juntamente com alguns integrantes da banda, foram prestigiar os trabalhos dos alunos. A banda fez questão

de participar cantando a música “Eu Sou negão”, que já estava “grudada” na cabeça da criança.

E após ouvir todos os relatos e ver as imagens do trabalho publicado no *Facebook* da escola, pensei sobre as inúmeras histórias que se cruzaram para que a cidade de Ponte Nova chegasse aos seus 150 anos. Será que as crianças daquela escola sabem que, além dos artistas pesquisados e apresentados, existiram e existem pessoas, como os pais, ti@s, prim@s, professor@s deles, que ajudaram a compor toda aquela história de um século e meio? Ou eles apenas conheceram a história que está legitimada e publicada em jornais e livros sobre a cidade?

Esses questionamentos, mesmo que tenham surgido durante a pesquisa, não foram respondidos. Mas serviram para que eu tivesse cuidado, enquanto professora, de explorar todos esses aspectos da história quando chegasse a minha vez de falar e estudar sobre a cidade com os alunos.

– Uma pausa para o respirar: o que antecede o capítulo

Antes de dar continuidade ao seguir das redes no *Facebook* e na EMSA, é necessário contar sobre um fio que se perdeu durante a pesquisa, mas que, mesmo assim, nem tudo ficou perdido.

Nesse meio tempo de observações e *prints* das professoras e da Escola, as movimentações políticas na cidade mudaram. O prefeito, que era da administração atual, não se reelegeu, e a Secretaria de Educação, que foi um dos pontos norteadores, também sofreriam mudanças para o ano 2017. Notei então que alguns grupos e páginas virtuais públicas relacionadas à Prefeitura e à SEMED voltaram ao ar, porém o “Grupo Educação Municipal em Rede – PN”, não.

Assim, mais uma vez usei a minha rede social no *Facebook* para perguntar à secretária de Educação sobre a volta do grupo virtual. Júlia relatou-me que durante a ocultação nos dias de propaganda eleitoral outros responsáveis pelo “Educação Municipal em Rede – PN” excluíram todos os participantes. Com isso, acharam melhor não voltar com ele de forma pública. Essa exclusão aconteceu para que mais ninguém, além dos administradores, pudesse ver o conteúdo compartilhado.

O grupo continuou existindo, inclusive, com a minha presença e dos mediadores, mas os funcionários participantes que eram os sujeitos mais importantes

para a pesquisa foram excluídos. Restaram apenas as publicações feitas até o mês de setembro.

Com isso, pensei como a Internet foi algo que me deixou insegura durante a pesquisa, já que a qualquer momento os laços fracos se desfazem e, como rizoma:

Podem ser rompidos, quebrados em um lugar qualquer e também retomam segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Assim como Deleuze e Guattari (1995) compreendiam o rizoma, comecei a compreender como a minha pesquisa, por mais que sofra mudanças, sempre recomeça de algum ponto.

CAPÍTULO 6

– As observações e *prints* contados através de narrativas que conectam os fios

“Narrar histórias é uma forma de fazer a história” (RANGEL, 2009).

Todos os momentos que presenciei no pátio da EMSA e na sala d@s professor@s me fizeram pensar que, até chegar o momento das imagens postadas nas redes sociais, há um processo que não é visto pelas fotos e vídeos compartilhados. Há sempre um trabalho em conjunto, planejamento, momentos de pesquisa e estudos que são feitos e não são mostrados nas redes sociais virtuais. Esses serão descritos neste capítulo, só que desta vez com o olhar voltado para as professoras.

Para chegar às informações que irão compor o texto, além de observar, entrevistar e seguir o *Facebook* da EMSA e das participantes, mantive contado com conversas informais através do *Whatsapp*. Isso facilitou o esclarecimento de algumas informações que eu tinha dúvida ao escrever esta dissertação.

Nas semanas de observações, conversas e entrevistas, que foram dos dias 27 de setembro a 22 de outubro de 2016, feitas nos turnos da manhã e da tarde, as primeiras aulas observadas foram da professora Isabela, que assim como Thaís foi mais que um sujeito da pesquisa. Isabela, 33 anos, morena dos cabelos cacheados e estatura mediana, além de sujeita pesquisada, era minha prima de primeiro grau.

Todas essas relações afetivas e pessoais que as participantes me proporcionaram me fizeram lembrar do livro “A Professora e o Cotidiano da Cidade

Pequena”, da autora Mitsi Pinheiro de Lacerda, que adquiri assim que a conheci e por me familiarizar com o título! Acreditei que poderia, além de consumir e mantê-lo na estante, fazer usos para o meu cotidiano enquanto professora e pesquisadora. Nesse livro, Lacerda (2014) diz que é preciso refletir a respeito das vozes que dialogam para que algo possa ser produzido. “Um trabalho científico precisa ser tecido tanto pela teoria quanto por aquilo que as pessoas sabem e produzem em seu cotidiano” (LACERDA, 2014, p. 100).

Por isso que, além de observar as movimentações na escola e no *Facebook* das professoras, os usos das narrativas se tornam importantes para a produção da teoria que está ligada a tantos cotidianos, inclusive ao meu.

No primeiro dia de observação com Isabela, ela tinha preparado uma atividade com tapetes sensório-motores, que foram confeccionados por ela mesma. Os tapetes eram de caixas de ovos, e cada uma tinha objetos macios, duros e ásperos para ativar a sensibilidade das crianças, além de trabalhar o tato, o equilíbrio e a atenção.

Enquanto observava, Isabela narrava que muitas atividades que realizava com seus alunos eram retiradas da Internet. As páginas que ela curti no *Facebook* sobre Educação Física serviam de ideias para os planejamentos das suas aulas nas duas escolas onde trabalhava.

Além dos assuntos sobre as observações que fazia das atividades, Isabela e eu ríamos, pois relatei a ela que não sabia quanto era “brava” com seus alunos para manter a ordem e a disciplina. No mesmo momento que observava e fotografava, eu também mandava no grupo da família no *Whatsapp* fotos de Isabela trabalhando e algumas “piadinhas” sobre ela.

Além dessa atividade, nos dias que se seguiram Isabela também preparava seus materiais para as aulas. Ela montava circuito com cadeiras, colheres, bolinhas de plástico. Ensaiaava passos de danças e observava as crianças no momento de brincar livremente. As observações feitas por ela eram descritas na ficha individual dos alunos e também compartilhadas com as professoras nas reuniões.

As imagens a seguir são de algumas capturas feitas durante as observações no pátio da escola. Além de observadora, pude participar de uma atividade com as crianças na aula de Isabela. E é claro que não poderia deixar de fotografar e publicar em minhas redes virtuais.



Imagens 42 e 43 – Fotos tiradas na aula de Educação Física da EMSA.



Imagens 44 e 45 – Fotos tiradas na aula de Educação Física da ENSA.

As demais observações, feitas no pátio, das aulas das professoras Laís e Riane, cada uma em um turno diferente, não foram tão completas em razão de eu não estar dentro da sala acompanhando a regência. No entanto, a partir de conversas e acompanhamento na sala d@s professor@s, pude perceber a movimentação que elas tinham com seus alunos.

A minha relação com essas duas professoras não foi como a que tive com Thaís e Isabela. Laís, 42 anos, branca dos cabelos pretos e lisos; e Riane, 41 anos, negra dos cabelos castanhos e cacheados, foram pessoas novas que conheci por conta desta pesquisa, mas que não tive muito contato com elas além das observações na escola, nas entrevistas e nas redes sociais virtuais.

Ao mesmo tempo que Laís e Riane confeccionavam e preparavam suas atividades com os respectivos alunos para a Feira Cultural, citada no capítulo anterior, elas não deixavam de fazer aquelas atividades diárias que eram planejadas, como o momento de histórias, pinturas, desenhos e também o ensinar dos nomes das crianças e as letras.

Além do aprender e ensinar, percebi pelo pátio que as professoras organizavam as crianças, chamavam atenção, explicavam uma, duas, três... 10 vezes. Amarravam cadarços, desamarravam cadarços. Elas faziam brincadeiras diferentes, montavam cartazes e, às vezes, erravam e precisavam fazer de novo. Elas também se reuniam na hora do recreio e conversavam sobre seus alunos e suas aulas. Recebiam orientações da supervisora e da diretora sempre que necessário. E todo esse momento diário não era fotografado e postado para que os seguidores da página virtual pudessem ver.

Nas imagens a seguir são mostradas atividades que as professoras realizavam diariamente. E nesses momentos, que não eram capturados por fotos e compartilhados nas páginas virtuais, as professoras cuidavam dos alunos, chamavam atenção, sorriam, se irritavam e, muitas vezes, alteravam a voz para controlar a disciplina. Isso tudo para cumprir as atividades planejadas, que muitas vezes mudavam seu curso devido ao cotidiano inesperado.



Imagens 46 e 47 – Fotos tiradas de aulas no pátio da EMSA.



Imagens 48 e 49 – Fotos tiradas de aulas no pátio da EMSA.



Imagens 42 e 43 – Fotos tiradas de aulas no pátio da EMSA.

Ao ver essas imagens e pensar no processo anterior que as professoras tiveram e que em alguns eu pude presenciar em conversas nas salas d@s professor@s, questiono-me se todo esse procedimento que acontece no *dentrofora* da escola e da sala de aula com as docentes, a supervisora e a diretora é aprendizagem que só o cotidiano oferece.

E para compreender se esses momentos eram vistos por elas como formação, perguntei-lhes na entrevista qual era a visão delas sobre formação continuada de professor@s. Eis as respostas:

É necessária. A gente sempre tem que tá aprendendo, né. Hoje um professor ficar sem estudar, né... sem aprender. Como que vai passar? Então essa continuidade é muito importante pra gente... Não é só fazer

uma faculdade, ou ter um título, alguma coisa. Você estudando, você já dando continuidade no seu aprendizado (Isabela).

Eu acho que essa formação de professor nos ajuda a desenvolver um bom trabalho. Que é um aprendendo novas técnicas, novos métodos. Aprendendo coisas diferentes. Aprendendo coisas novas e diferentes, ajuda a gente a ter um trabalho melhor na educação (Laís).

Olha, é a gente se aperfeiçoar, né. Qualificar. Eu acho importante essa formação continuada porque o professor não deve ficar parado, né. Deve estar sempre preparado para novos desafios, né. Novas tecnologias que estão aí, e as mudanças das novas gerações (Riane).

Nessas falas é possível compreender que as professoras pensam a formação continuada como algo necessário para a melhoria e qualificação do trabalho que exercem. Na narrativa de Isabela, o processo de formação parece acontecer além de cursos formais, com certificados e diplomas. Essa discussão sobre formação continuada que acontece no decorrer da trajetória profissional foi discutida no tópico **2.2 – Currículo e formação continuada de professor@s.**

Pensando dessa forma que os processos de formação podem acontecer independentemente de ser formal ou não, questionei-me se o momento que elas fazem uso do *Facebook* também pode ser considerado um momento de formação. E em nossas conversas sobre a Internet aproveitei para perguntar como elas utilizavam a própria página virtual e também a da escola. Como resposta, percebi que o *Facebook* não era apenas para ter amigos ou se entreter, mas também para conhecer e compartilhar conhecimentos. Exemplo:

É... tem muita bobeira (no *Facebook*), mas tem muito aprendizado também. Minha motivação é essa. Curtir, também lazer. Mas pro trabalho também ajuda bastante... Eu posto mais o meu trabalho, né. Gosto de postar o meu trabalho. Gosto de ver o trabalho dos outros. É... mais é isso (Isabela).

Além de entretenimento, né. O *Facebook* pra mim é um meio de comunicação mesmo. Pra tá informando, compartilhando. Nesse sentido aí... Eu curto, eu compartilho. Coisas pessoais, fotos pessoais... Coisas do trabalho também... Pra estudar, pra pesquisar (Riane).

De início, eu criei pra ter uma rede de amigos virtuais, né. Eu ouvia os outros falarem. Eu mexia na internet, mas eu não tinha *Facebook*. Eu achava chato. Eu afalava assim “ah, a gente não tem amigo quase nenhum nem ali no grupinho da gente, quanto mais virtual”. Aí até que um dia eu criei um *Facebook* pra mim. Criei nesse intuito de ter uma rede de amigos. Mas hoje, na realidade, eu gosto muito de entrar, entro quase todos os dias. Eu gosto de ler as coisas, coisas que me interessa... É coisa que me interessa, que faz bem pra minha vida profissional, pra minha vida social, que faz bem pro meu casamento. Então, eu leio coisa que me interessa. E eu posto muitas coisas também. Coisas da educação, por exemplo, quando eu leio algo interessante da educação eu gosto de postar. Eu gosto de curtir as coisas dos outros (Laís).

Nessas narrativas, ambas @s professoras falam de como utilizam o *Facebook* para informar-se e formar-se... curtindo e lendo páginas referentes à Educação, observando e compartilhando o trabalho das pessoas. E, para confirmar essas narrativas, entrei nas páginas virtuais das docentes e encontrei compartilhamentos sobre assuntos que envolviam a área da Educação, assim como elas citaram.

Essas narrativas de Laís, Isabela e Riane começaram a responder à hipótese que tive desde o meu projeto para ingressar no mestrado em Educação. Observando e questionando os usos que as professoras Thaís e Júlia faziam das suas redes, comecei a perceber que elas estavam fazendo um uso formativo do *Facebook*.

As imagens a seguir são das páginas pessoais de Riane e Isabela, e, ao observá-las, notei que realmente elas usavam o *Facebook* para compartilhar e também receber compartilhamentos de atividades educativas.



Imagens 50 e 51 – *Print Screen* da página virtual de Riane.



Imagens 52 e 53 – *Print Screen* da página virtual de Isabela.

Além de saber se as professoras usavam suas redes virtuais como meio de formação, busquei compreender como e o que elas pensavam sobre a página virtual da EMSA. Já que não era mais o “Grupo Educação Municipal em Rede – PN” que estava em foco na pesquisa, a pergunta era sobre o que elas pensavam da página no *Facebook* da Escola e como elas a utilizavam. A seguir, as respostas:

Acho interessante. Tem muitas mães que acompanham essa página. É muito importante que a pessoa fica por dentro do que acontece na escola, né. Os eventos que a gente tem. Igual, a diretora posta muitas coisas do dia a dia. Às vezes ela coloca a minha aula, a aula de outra professora. (Pausa). Igual a gente tá trabalhando sobre Ponte Nova, ela posta coisa sobre Ponte Nova... Acho muito importante... Sempre compartilho, sempre vejo. As mães também as vezes comentam (Isabela).

Eu acho importante, porque a gente fica a par de tudo que acontece na escola e na rede. Aprende, compartilha, vê os trabalhos. A gente sabe que vai dar certo, aí a gente adapta pros nossos alunos na escola. Muito bom. São ricos os trabalhos, né (Laís).

Eu acho importante. Ao mesmo tempo que é importante, é muito interessante. Pois, como eu já falei, você já falou, a gente pode postar, pode ver postagens, né. A gente pode curtir, a gente pode compartilhar. Então é algo que enriquece o trabalho de qualquer educador (Riane).

A partir dessas narrativas das professoras, é possível perceber que o *Facebook* da EMSA é importante para que a comunidade escolar, que tem acesso à

internet, fique ciente de tudo que acontece na escola, como as atividades, festas, e também reuniões extraclasse que ocorrem são informadas por meio virtual. Na imagem a seguir é apresentado um *print* de um comunicado sobre reunião pedagógica que aconteceu em setembro de 2016.

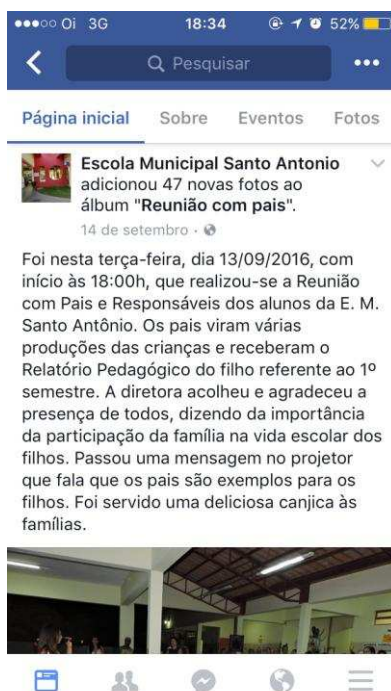


Imagem 54 – *Print Screen* da página virtual da secretária de Educação.

Mesmo essas divulgações na página virtual da EMSA sendo vistas como meio de divulgação para a comunidade escolar, não foi possível ver comentários e curtidas de pessoas diferentes que não os funcionários da escola. Entretanto, segundo Isabela, há um retorno dessas publicações de alguma forma, conforme se vê a seguir:

Sempre compartilho (a página), sempre vejo. As mães também às vezes comentam comigo sobre o que é colocado na rede. Parabenizam... (Isabela).

Continuando o seguir das entrevistas para entender qual a visão de formação para as participantes da pesquisa, perguntei se no momento em que elas leem coisas sobre Educação, curtem as páginas, principalmente a da EMSA, compartilham e

levam aqueles trabalhos para a sala de aula e se consideram que estão em processo de formação continuada. Eis a resposta:

Eu não sei se eu estou correta, mas eu acho que ajuda a gente bem na formação. Não sei se a minha visão é correta. Mas eu creio que ajuda sim. A gente vê coisa diferente “ó, fulano faz isso”. A gente até cresce com algo que outro professor posta, né (Lais).

Do jeito que eu vejo e falo, “nossa, fulano fez um trabalho bom!”. A gente tenta até em cima daquele trabalho de alguém, você pode até mudar algumas coisas e criar um novo trabalho com aquilo. Então eu acho que como eu cresço com o trabalho do outro, o outro também pode crescer com o trabalho da gente (Riane).

... Eu cresço com o trabalho do outro, e o outro também pode crescer com o trabalho da gente. Essa frase narrada por Riane mostra que há algo por trás do curtir e compartilhar no *Facebook*. Há um momento de reflexão do trabalho e adaptações até chegar à sala de aula. Talvez tenha, sim, o momento de formação continuada, como foi possível ver nas falas das docentes, já que elas afirmam que existe o crescimento com o trabalho do outro através do *Facebook*.

Segundo Rodrigues (2011), os processos de formação se dão pelas relações que experimentamos diariamente, como nos encontros com os alunos, com a relação com outros docentes, com os planejamentos e conversas de corredor, de pátio, encontros na sala d@s professor@s e nas reuniões pedagógico-administrativas (Grifo nosso).

Já que em todos esses *espaçostempos* podem acontecer a formação, será que a partir dos encontros com as postagens no *Facebook*, que nos fazem refletir e montar um trabalho baseado no que encontramos nas redes, é compreendido não só pelas docentes pesquisadas, mas por tantas outras que fazem os mesmos usos, um processo de formação continuada de professor@s?

COMPARTILHANDO CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PESQUISA

Ao longo do percurso da pesquisa, vários acontecimentos e questionamentos me movimentaram para chegar ao final. Todos os dias eu me levantava em busca de novas conexões que me fizessem chegar ao grande dia e, assim, finalizar este ciclo e abrir outros novos. No entanto, quanto mais fios eu buscava, mais fios apareciam. Uns se perdiam, mas sempre aparecia uma nova possibilidade. Até que um dia eu percebi que os fios nunca param de tecer e se conectar. Há sempre o que fazer.

Ao tentar buscar respostas dos primeiros questionamentos feitos no início da pesquisa, comecei a entender sobre os meus usos, o uso da SEMED e os usos d@s professor@s, quando se trata do *Facebook*.

Compreendi que, para todas aquelas postagens chegarem tanto ao “Grupo Educação Municipal em Rede – PN” quanto ao *Facebook* da “Escola Municipal Santo Antônio”, era preciso um aval dos textos e das fotos que seriam mostrados para toda a rede. Percebi que, assim como eu faço, antes de publicar minhas fotos no *Facebook* e no *Instagram*, era preciso confirmar se realmente a foto estaria bela para ser curtida, comentada e, quem sabe, compartilhada.

Entendi que, além de mim, os sujeitos pesquisados também faziam uso das suas redes, tanto de forma de entretenimento quanto de forma profissional. Ao mesmo tempo, publicávamos fotos de encontros de amigos, com cerveja ou sem cerveja, compartilhávamos também textos, fotos e artigos da nossa área profissional. No entanto, para fazer essas publicações era preciso sempre ter cuidado, já que o *Facebook*, como foi escrito aqui, é considerado uma “máquina de ver e ser vista”.

A SEMED, assim como eu e tantos outros usuários que publicam belas fotos com momentos felizes, também buscava publicar o que acontecia de interessante nos trabalhos das escolas. Era por vaidade? Era por questão política? Esses dois questionamentos acabam se completando, uma vez que a SEMED buscava mostrar o bom trabalho feito pela administração para criar credibilidade com a sociedade ponte-novense.

Assim como a Secretaria, a Escola Santo Antônio também seguia as mesmas estratégias, compartilhando os trabalhos realizados na escola, enaltecendo alun@s e professor@s. Mesmo parecendo ser para mim postagens informativas, as entrevistas da Júlia, Thaís e das professoras pesquisadas mostraram que cada sujeito pode fazer das publicações no *Facebook* um meio de se formar continuamente. Essa rede virtual para essas funcionárias que vivem o cotidiano escolar na rede municipal em que atuam acabava se tornando parte de um currículo que se tecia no *dentrofora* da escola, visto que os conhecimentos dessas professoras eram levados para a prática na sala de aula, podendo dar certo ou não.

Essas práticas diárias das professoras que saem de casa para trabalhar e encontram diferentes cotidianos e realidades não são fotografadas e mostradas em rede. Elas são vividas no *dentrofora* da sala de aula e se conectam com toda aprendizagem na trajetória profissional de cada professora, como foi mostrado com Laís, Isabela e Riane, que utilizam o *Facebook* e outras redes virtuais para trocarem informações e produzir conhecimentos.

Além de perceber o uso que essas professoras fazem das suas redes, notei, enquanto pesquisadora e participante desta pesquisa, que a utilização dos *smartphones* e das redes sociais pelos alunos cresce ainda mais. Todos os dias, recebo solicitações de amizades dos alunos da escola onde trabalho em minhas redes virtuais. Vejo no horário do recreio os alunos tirando fotos, ouvindo música e se comunicando virtualmente.

Todas essas conexões que alun@s e @s professor@s fazem nessas redes virtuais acabam se tornando parte do currículo tecido, que vai além dos muros escolares. Muitos professor@s já se conectam com os estudantes por meio de grupos no *Whatsapp*, curtem fotos e comentam no *Facebook*, e esses comentários e curtidas podem se estender em assuntos na sala de aula.

É a vida *on-line* e *off-line* se conectando e se transformando em currículo. E cada vez mais essa conexão nos mantém refém das redes virtuais, já que podemos

usá-las, nos informar, divertir e nos formar, como foi falado pelas professoras pesquisadas.

Essa formação d@s professor@s e o currículo que acontece nos cotidianos nunca cessam. Eles são contínuos e acontecem em diferentes ambientes. Assim como os meus fios, que insistiram em me mostrar que não terão final. Sempre haverá algum fio solto para ser seguido e outros novos para serem descobertos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bárbara. **Retrato de glória**: a história do hotel que marcou a cidade de Ponte Nova. Livro reportagem. Ponte Nova, MG, 2014.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, 2010.

ALVES, Nilda. Currículos e pesquisa com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DPetAlii; Vitória: Nupec/UFES, 2013.

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. "**Certeau e as artes de fazer-pensando o cotidiano da escola**". Minicurso ministrado na 21ª Reunião Anual da ANPED (Associação dos Pesquisadores em Educação) – Grupo de Trabalho: Currículo. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/gtcurric/curso98.html>>. Acesso em: 1º mar. 2017.

AMARAL, Arlene de Paula Lopes. Formação continuada de professores: reflexões sobre a participação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Cadernos Cedex**, v. 35, n. 95, 2015.

ARROYO, Miguel G. Indagações sobre o currículo do Ensino Fundamental. Indagações sobre o currículo do ensino fundamental. In: MOREIRA, Antonio Flávio; DA SILVA, Tomaz Tadeo. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

BARROS, Manoel de. **O fazedor de amanhecer**. São Paulo: Richmond Educação, 2009.

BONDÍA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CARVALHO, Janete Magalhães. Potencia das redes de conversações na formação continuada com os professores. In: SUSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra. **Diálogo e formação de professores**. Universidade-Escola. Petrópolis, RJ: De Petrus et ATii; Rio de Janeiro: Faperj, 2011. 176 p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. [S.l.]: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Celso José. Modelos de educação superior a distância e implementação da Universidade Aberta do Brasil. **Brazilian Journal of Computers in Education**, v. 15, n. 2, 2007.

CUNHA, Janaína. **Minas inesgotável**. Belo Horizonte: VB Comunicação, 2016. v. 2. (Coleção Minas território cultural).

DA SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. São Paulo: Autêntica, 1999.

DE LUCENA WANDERLEY, Stewart; BALDANZA, Renata Francisco. O Snapchat como plataforma de distribuição de conteúdo jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – INTERCOM, 18., 2016, CARUARU, PE. **Anais...** Caruaru, PE: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0174-1.pdf>>. Acesso em: 1º set. 2016.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUVOISIN, Ivane Almeida. **Virtualizações e atualizações em redes de conversação sobre o currículo de um curso on-line de licenciatura em Ciências**. [S.l. : s.n.t.], 2013.

EVANGELISTA, Gislene Rangel. **#CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista Científica e-Curriculum**, v. 9, n. 2, 2012.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Maria Regina Lopes. Sobre as redes que tecem práticas políticas cotidianas de currículo e de formação de professores/as. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 464-477, 2013.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. v. 1.

GALLOWAY, Alexander. "Qual o potencial de uma rede". In: SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.

GOBBI, Maria Cristina. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Ed.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: INTERCOM, 2013.

GOMES, Argólio Patrícia; FONSECA, Tânia Mara Galli. Cartografar. In: FONSECA, Nascimento, Maraschin (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 117 p.

KAUFMAN, D. A força dos "laços fracos" de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia**, São Paulo, n. 23, p. 207-218, jun. 2012. *On-line*.

LACERDA, M. P. de. **A professora e o cotidiano da cidade pequena**. Niterói, RJ: EdUFF, 2014.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. O pensamento curricular no Brasil. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, Maria do Carmo de; PAIVA, Edil Vasconcellos de. Hibridismo e currículo: ambivalências e possibilidades. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p.185-201, 2007.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MINAS GERAIS – Secretaria de Estado de Educação. Belo Horizonte: CBC Geografia – Ensinos fundamental e médio. Disponível em: <<http://www.pibid.prograd.ufu.br/sites/default/files/Conte%20C3%BAAdos%20B%20C3%A1licos%20Curriculares%20-%20Geografia.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

MINAS GERAIS – Escola Estadual Caetano Marinho. **Projeto Político-Pedagógico**, 2013.

MINAS GERAIS. **Regimento Interno Escola Estadual Caetano Marinho**. Belo Horizonte, 2015.

MOREIRA, Danilo dos Reis; DIAS, Márcio de Souza. WEB 2.0 – A web social. **Revista CEPPG**, Goiânia, p. 196-2008, jan. 2009. Disponível em: <http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/5b8d871edec20a2cea22e4a06c772a66.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de. et al. Proposta de um modelo de cursos baseado em Mobile Learning: um experimento com professores e tutores no *WhatsApp*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 11., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2014. p. 05-08.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados praticados pelos praticantes pensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DPetAlii; Vitória: Nupec/UFES, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados**: regulação e emancipação no cotidiano escolar. GT: Currículo, n. 12, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/inesbarbosadeoliveira.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PIRES, Gabrielli Tiburi Soares. Fotografia através de dispositivos móveis: estudo de caso sobre o Instagram. **Revista da Graduação**, v. 6, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, Luciana da Silva; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Sustentando a diferença: teatro, conexões e invenção de mundos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 3, 2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 49-58, 2015.

PRIMO, Alex. **As tags no Twitter como informação contextual de afeto**. Dossiê Alex Primo (blog científico), 9 mar. 2010. Disponível em: <http://alexprimo.com/2010/03/09/as_tags_no_twitter_como_informacao_conte>. Acesso em: 29 ago. 2016.

RECUERO, Raquel Cunha. **Teorias das redes sociais na internet**. Considerações sobre o *Orkut*, os *Weblogs* e os *Fotologs*. Porto Alegre, 2004. (Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII Intercom).

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Teoria das redes e redes sociais na internet: considerações sobre o *Orkut*, os *Weblogs* e os *Fotologs*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27., 2004. **Anais...** [S.l. : s.n.t.], 2004.

RODRIGUES, Larissa Ferreira. **Redes de conversas e afetos como potencialidades para as práticas curriculares e para a formação de professores na educação infantil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SANTAELLA, Lucia. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvaldo (Ed.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: INTERCOM, 2013.

SANTAELLA, Lucia. O DNA das redes sociais digitais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvaldo (Ed.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: INTERCOM, 2013.

SIMONINI, Eduardo. Currículo e devir. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi Santos; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kezia Rodrigues (Org.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Rio de Janeiro: DPetAlii, 2015. p. 63-78.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.